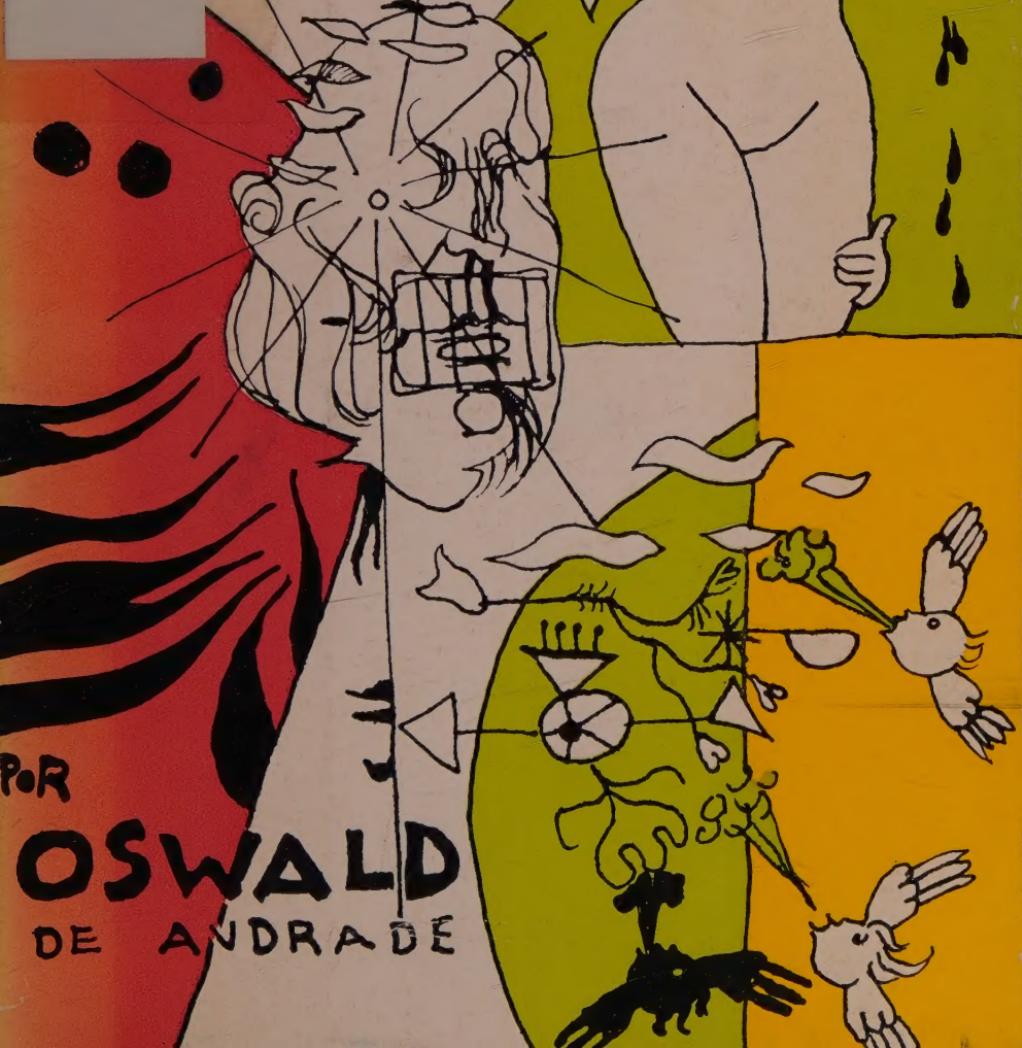


JOÃO

MIRAM

CLAUDIO DÉ
R. CARVALHO
1964

PQ
9697
A73
M4
1964
mn



POR

OSWALD
DE ANDRADE

As *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, cuja primeira e única edição saiu em 1924, ainda no fragor de nosso Movimento Modernista, foram, no dizer do próprio autor, "o primeiro cadiño de nossa prosa nova". Na trilha que abriu, seguiram-se, depois, outras obras voltadas para a renovação estilística e estrutural de nossa prosa, como, por exemplo, o *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, o *Perto do Coração Selvagem* (1943), de Clarice Lispector, o *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa.

Este livro pioneiro de Oswald de Andrade tem, na nossa literatura de ficção, um lugar equivalente ao *Ulysses* (1922) de James Joyce, o grande "marco antinormativo" do romance contemporâneo. Beneficiário das experiências e das teorias do Futurismo italiano, mas sobretudo instigado pelos movimentos anàlogamente renovadores que se processaram no campo das artes visuais nas primeiras décadas do século, o romance-invenção de Oswald representou a atualização de nossa literatura em prosa num compasso de sintonia com as vanguardas européias, sem, no entanto, delas se tornar tributário. Assumiu caráter e contornos pessoais e especialíssimos, comensurados ao contexto brasileiro — notadamente à situação de São Paulo, onde se verificava o trânsito de uma economia e de uma mentalidade agrárias para uma economia e uma mentalidade de tipo industrial. No seu "estilo telegráfico", acelerado, vincado pelas realidades urbanas, as *Memórias Sentimentais*, além de submeterem a linguagem e as convenções do romance de "costumes" realista a uma violentação

(Cont. na outra dobra)

MEMÓRIAS SENTIMENTAIS
DE
JOÃO MIRAMAR

Prefácio de ANTONIO CANDIDO
Introdução de HAROLDO DE CAMPOS



Capa de FLAVIO DE R. CARVALHO

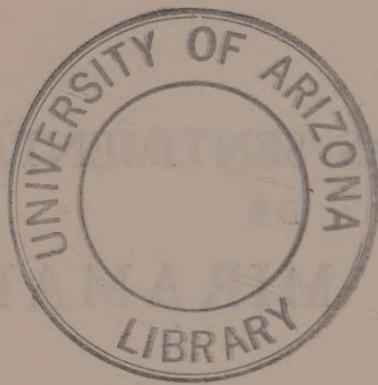
OSWALD DE ANDRADE



MEMÓRIAS SENTIMENTAIS
DE
JOÃO MIRAMAR



DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO
SÃO PAULO
1964



Direitos exclusivos da

Difusão Européia do Livro

Rua Bento Freitas, 362 - 6.º - São Paulo

P R E F Á C I O

As Memórias Sentimentais de João Miramar foram escritas entre 1916 e 1922, mas talvez desde 1914 Oswald de Andrade viesse tomando notas para um livro entre autobiográfico e ficcional. A exploração literária da sua vida o preocupou de maneira obsessiva, pois através dela é que sabia e desejava testemunhar sobre o mundo em que viveu. Dela se nutrem não apenas os livros pessoais, mas os romances, que muitas vezes exploram a mesma matéria que êles, de modo bastante aproximado; e os dois gêneros se ligam pelo nexo da inquietação interior e pelo desejo de criar um estilo adequado para mostrar o empenho do autor nas coisas do mundo. As Memórias Sentimentais de João Miramar, publicadas em 1924, são o primeiro momento dessa cadeia expressiva, cheia de altos e baixos, que desvenda o risco de uma das personalidades mais fecundas e complexas da nossa literatura.

Com esta reedição, a DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO dá início à publicação das suas obras tanto quanto possível completas. Embora haja um plano provisório de trabalho, a fixação definitiva depende do que se conseguir levantar da extensa obra dispersa, pois, como se sabe, Oswald de Andrade foi grande polemista e jornalista, pondo no ensaio curto, no artigo, na breve nota, algumas das suas melhores intuições e das suas melhores realizações estilísticas. Conforme a aceitação do público e a possibilidade de pesquisar, teremos um número maior ou menor de vo-

lumes, mas desde já podemos dizer que os da obra publicada em livro pelo autor obedecerão, em princípio, ao seguinte arranjo:

- 1 — Memórias Sentimentais de João Miramar
- 2 — Os Condenados (Os Condenados, A Estréla de Absinto, A Escada).
- 3 — Serafim Ponte Grande
- 4 — Marco Zero I — A Revolução Melancólica
- 5 — Marco Zero II — Chão
- 6 — Teatro (A Morta, O Rei da Vela, O Homem e o Cavalo)
- 7 — Poesias Reunidas (Pau Brasil, Caderno do Aluno de Poesia, e outras)
- 8 — Ponta de Lança (ensaios)
- 9 — A Arcádia e a Inconfidência
- 10 — A Crise da Filosofia Messiânica
- 11 — Sob as ordens de mamãe (memórias)

Além dêstes, que não serão publicados necessariamente conforme esta ordem, podemos desde já encarar um volume de escritos teóricos e polêmicos e pelo menos um outro de artigos breves, sendo impossível prever quantos mais organizaremos de cartas, documentos pessoais, memórias, artigos esparsos etc.

Por convite dos editores e desejo dos herdeiros, coube-me a honra de coordenar e orientar essa tarefa, que só poderá ser efetivada com o auxílio de críticos e estudiosos interessados, — um dos quais, Haroldo de Campos, já se associou gentilmente aos nossos trabalhos, contribuindo com a excelente introdução dêste volume e dispondo-se a colaborar em outros.

E assim, depois de quarenta anos, sai de novo o João Miramar, um dos grandes livros da nossa literatura e base da obra subsequente do autor. Quase desde a primeira e única edição é raridade bibliográfica, pouco conhecida mesmo pelos interessados em estudos literários, embora a sua importância tenha sido capital para as experiências literárias que refundiram a literatura brasileira, inclusive algumas em curso atualmente.

Esta reedição coincide com o décimo aniversário da morte de Oswald de Andrade, ocorrida em 1954, e esperamos que dentro de uns poucos anos o público possa ter todos os outros volumes planejados, de maneira a ver o seu autor à luz verdadeira da posteridade, que desvendará de uma vez por todas a sua grande estatura. Assim, os moços de hoje e de amanhã poderão conviver com o seu espírito, já que não tiveram, como nós, a oportunidade de vê-lo mover-se no espaço cultural do seu tempo, — gigantesco, transbordante, cintilante, generoso, violento e risonho, infantil e maduríssimo, sempre alerta, sempre combativo, sempre disposto a lutar e a esquecer os espinhos da luta, errando por candura, acertando pelo gênio, sequioso de reconhecimento e de contato humano, constante na sua volubilidade, obcecado pela verdade, deixando no mundo o vinco da sua força dispersiva.

Antonio Cândido de Mello e Souza

Julho de 1964

MIRAMAR NA MIRA

HAROLDO DE CAMPOS

O primeiro cordinho Em 1922, — ano que se assinalaria entre nós pela eclosão da *Semana de Arte Moderna* —, era publicada em Paris, pela Shakespeare and Co. (a hoje lendária casa editora da americana Sylvia Beach), a primeira edição de um livro destinado a alterar os rumos da ficção moderna: o *Ulysses*, de James Joyce. Em 1923, o romancista irlandês começava a escrever o *Finnegans Wake*¹, que daí por diante apareceria em parcelas, sob o título de *Work in Progress* (*Obra em Progresso*), na revista internacional de vanguarda *Transition*, dirigida pelo poeta Eugène Jolas. Em 1923, Mário de Andrade escrevia a Manuel Bandeira: “Osvaldo e Sérgio chegam em dezembro. Sérgio traz já impresso o seu *Oeil de Boeuf*. Osvaldo traz um romance *Memórias de João Miramar* — segundo me contam inte-

1) O título dêsse romance-poema pode ser traduzido livremente por *Finnicius Revém*, incluindo a idéia de fim e início, de velório ou vigília e de novo despertar, e, de outra parte, incorporando sempre o nome de “Finn”, gigante da lenda irlandesa, cuja ressurreição, segundo a mesma concepção fabulosa, poderia ocorrer assim que o país dêle necessitasse. Ver: Augusto e Haroldo de Campos, *Panorama do Finnegans Wake*, Comissão de Literatura, São Paulo, 1962.

ressantíssimo, moderníssimo, exageradamente de facção. Morro de curiosidade”². *Memórias Sentimentais de João Miramar* — datado de “Sestri Levante / Hotel Miramare, 1923” — sai em 1924, dedicado a Paulo Prado e Tarsila do Amaral, com capa desta última (Livraria Editôra Independência, São Paulo). Éste o romance que Oswald de Andrade, com inteira razão, chamou de “o primeiro cadinho de nossa prosa nova”, num artigo de 1943 (“Antes do *Marco Zero*”), republicado em *Ponta de Lança*³. Éste o livro fundamental, convertido em raridade bibliográfica e praticamente desconhecido das gerações mais jovens, que hoje — finalmente! — se reedita e se repõe em circulação, passados 40 anos de seu lançamento e 10 anos da morte do autor. Realmente, nem sempre se tem lembrado de referir esta obra divisora-de-água quando se traça a evolução de nossa prosa moderna. Houve mesmo, durante muito tempo — e com reflexos até nossos dias — uma campanha sistemática de silêncio contra Oswald, que resultou na minimização, senão na voluntária obliteração, da importância da bagagem literária oswaldiana. O criador do *Miramar*, na sua combatividade característica, já a denunciava no mesmo *Ponta de Lança* (“Fraternidade de Jorge Amado”): “Criou-se então a fábula de que eu só fazia piada e irreverência, e uma cortina de silêncio tentou encobrir a ação pioneira que dera o *Pau Brasil*, donde, no depoimento atual de Vinicius de Moraes, saíram todos os elementos da moderna poesia brasileira. Foi propositadamente esquecida a prosa renovada de 22, para

2) Mário de Andrade, *Cartas a Manuel Bandeira*, Organização Simões Editôra, Rio de Janeiro, 1958, pág. 60. Oswald e Sérgio (Milliet) encontravam-se, àquela altura, na Europa.

3) Oswald de Andrade, *Ponta de Lança*, Livraria Martins Editôra, São Paulo, s/ data, pág. 55.

a qual eu contribuí com a experiência das *Memórias Sementais de João Miramar*"⁴.

O débito de Mário de Andrade Este retrospecto histórico tem um sentido: prepara uma possível aproximação — que mais adiante será desenvolvida — entre o *João Miramar* de Oswald e o *Ulysses* de Joyce; marca o débito da prosa de Mário de Andrade — em especial do Mário de *Macunaíma*, romance-rapsódia escrito em 1926 e editado em 1928⁵, — para com a prosa oswaldiana. Mário da Silva Brito, cuja *História do Modernismo Brasileiro*⁶ contribuiu decisivamente para a reavaliação do papel fundamental de Oswald nesse movimento, focalizou explicitamente esse débito, em artigo publicado na *Revista Brasiliense*: "João Miramar é o germe do *Serafim*, e ambos os livros interessam, profundamente, ao historiador social e ao historiador literário. Representam ambos a condensação dos caminhos seguidos pelo modernismo, e o ponto de parada de onde se poderá partir a inusitados rumos. Miramar, como experiência estilística, não antecipou os rumos seguidos por Mário de Andrade em *Macunaíma*, por Jorge de Lima em *O Anjo*, por Clarice Lispector em *Perto do Coração Selvagem*, por Geraldo Ferraz, com Pagu, em *A Famosa Revista*, e sózinho, em *Doramundo*, por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas?*"⁷. E Antonio Cândido num estudo de

4) *Ob. cit.*, pág. 37. Numa entrevista concedida a Pau-lo Mendes Campos, publicada em 8-1-50 pelo *Jornal de Notícias* de São Paulo ("O êxito na terra substitui a esperança no céu"), Oswald se queixava ainda do "bloqueio" contra as suas obras.

5) Conf. Cavalcanti Proença, *Roteiro de Macunaíma*, Edi-tôda Anhembí Ltda., São Paulo, 1955, pág. 11.

6) Edição Saraiva, São Paulo, 1958.

7) "Pensamento e Ação de Oswald de Andrade", revista citada, n.º 16, março/abril de 1958, págs. 135/136.

1943⁸, que — não obstante o tempo decorrido; não obstante a reação que suscitou de parte do próprio Oswald⁹; sem embargo das discussões que ainda poderia comportar (sobretudo no que respeita à superioridade do *Miramar* sobre o *Serafim* e ao malôgro parcial dêste segundo romance-experiência) — segue sendo a mais penetrante análise da ficção oswaldiana de que dispomos, feriu também este ponto, indiretamente, ao chamar com tôda a propriedade o *Serafim* de um “Macunaíma urbano”. Ora, o *Serafim Ponte Grande*, escrito em 1929 e publicado em 1933, outra coisa não fêz senão levar às consequências necessárias o experimento do *João Miramar*. No interregno de ambos os livros, surgiu a rapsódia marioandradina, que — com tudo de extremamente pessoal e de específico que apresenta (o seu esboço de uma língua brasílica pluriregional e de uma saga panfolclórica, por exemplo) — não deixa de ter pontos de contato com aqueles dois livros e acabou bafejada por uma fortuna junto à crítica que a prosa experimental de Oswald jamais conheceu. Não temos, para os dois romances de Oswald, algo como o *Roteiro de Macunaíma*, de Cavalcanti Proença, que está para o de Mário como o *Skeleton Key* (“Chave Mestra”) de Campbell e Robinson para o *Finnegans Wake* de Joyce. E verdade que, pela sua própria natureza compósita, o *Macunaíma* demandaria mais uma obra topográfica e exegética dêsse gênero. Mas não se pode deixar de dar razão a Mário da Silva Brito na advertência que faz ao referir-se àqueles dois romances: “Quando os filólogos nacionais despertarem de seu pesado e demorado sono, descobrirão, sem dúvida, que êsses livros são riquíssimo filão

8) Antonio Cândido, “Estouro e Libertação”, recolhido em *Brigada Ligeira*, Livraria Martins Editora, São Paulo, s/ data, págs. 11/30.

9) “Antes do Marco Zero”, em *Ponta de Lança*, cit.

para a pesquisa, o estudo e a análise da sintaxe e da estilística renovadas”¹⁰.

Miramar e Macunaíma É o próprio Mário de Andrade quem, expressamente, registra a influência de Oswald sobre sua prosa. Na importante carta de 1927, dirigida a Manuel Bandeira, em que Mário se detém sobre o processo de elaboração do IX episódio do *Macunaíma* (“Carta prás Icamiabas”), encontra-se êste depoimento: “Essas são as intenções da carta. Agora ela me desgosta em dois pontos: parece imitação do Osvaldo e decerto os preceitos usados por élê atuaram subconscientemente na criação da carta e acho comprida por demais. O primeiro ponto não acho remédio. O segundo, vou encurtar a carta. Mas não tiro ela não porque gosto muito dela”¹¹. Não será difícil precisar o alcance dessa revelação no plano compositivo. O propósito de Mário de Andrade, na “Carta prás Icamiabas”, foi, como salienta Cavalcanti Proença¹², “mostrar o artificialismo de uma linguagem anacrônica”. O próprio Mário, na carta a Bandeira já referida, esclarece bastante seus desígnios: “Macunaíma como todo brasileiro que sabe um poucadinho vira pedantíssimo. O maior pedantismo do brasileiro atual é escrever português de lei: Academia, Revista de Língua Portuguesa e outras revistas; Rui Barbosa, etc., desde Gonçalves Dias”... “Agora a ocasião era boa pra eu satirizar os cronistas nossos (contadores de monstros nas plagas nossas e mentirosos a valer) e o estado atual de São Paulo, urbano, intelectual, político, sociológico. Fiz tudo isso, meu caro. Fiz tudo isso em estilo pretensioso, satirizando o português nosso, e pleiteando sub-repticiamente pela linguagem lépida, natural (literatura) simples, dé-

10) Ver nota 7.

11) *Ob. cit.*, na nota 2, pág. 171.

12) *Ob. cit.*, na nota 5, pág. 190.

*pourvue dos outros capítulos". Neste episódio — onde o Macunaíma declaradamente vira urbano e entra, assim, na área do Miramar e do Serafim — o recurso literário usado foi a paródia, o arremêdo parodístico de um linguajar rebuscado e falso e, através dèle, a caracterização satírica do status de uma determinada faixa social urbana de letreados bacharelescos a que ela servia de emblema e de jargão de casta. Pelo contraste com as demais partes do livro, essa paródia lingüística assume o cunho de um contramanifesto (ou seja: o que não deve ser feito em matéria de escrever é levado ao ridículo, e a linguagem sólta e inventiva dos demais episódios é promovida). Pois, de sua parte, as *Memórias Sentimentais* abrem, justamente, com um texto intitulado "À guisa de prefácio", onde um típico beletrista de sodalício — Machado Penumbra — faz a apresentação do livro em estilo empolado e arrebiado, recheado de clichês acadêmicos, num contraste gritante com o estilo do próprio autor, João Miramar-Oswald. Este pseudo-prefácio, no entanto, camufla uma série de considerações programáticas sobre a experiência oswaldiana, sendo assim um antimanifesto na paródia lingüística e um manifesto verdadeiro nas definições de técnica de composição que nêle estão insertas. "Torna-se lógico que o estilo dos escritores acompanhe a evolução emocional dos surtos humanos. Se no meu fôro interior, um velho sentimentalismo racial vibra ainda nas doces cordas alexandrinas de Bilac e Vicente de Carvalho, não posso deixar de reconhecer o direito sagrado das inovações, mesmo quando elas ameaçam espedaçar nas suas mãos hercúleas o ouro argamassado pela idade parnasiana. VAE VICTIS!" — perora Machado Penumbra ao gôsto dos paraninfos de província. E logo adiante acrescenta: "Esperamos com calma os frutos dessa nova revolução que nos apresenta pela primeira vez o estilo telegráfico e a metáfora lancinante". A paródia prossegue, incorporando agora um tropo surradíssimo sobre as côres da bandeira nacional*

(“Nossa natureza como nossa bandeira, feita de glauco verde e de amarelo jalde, é propícia às violências maravilhosas da côr. Justo pois que nossa arte também o queria ser”), a par de uma indicação pertinente sobre o caráter imagístico-visual da prosa oswaldiana. Oswald faz Machado Penumbra conciliar os sobressaltos de purista em pânico com uma acomodatícia receptividade, dobradamente cômica: “Quanto à glótica de João Miramar, à parte alguns lamentáveis abusos, eu a aprovo sem, contudo, adotá-la nem aconselhá-la. Será êsse o Brasileiro do Século XXI? Foi como êle a justificou, ante minhas reticências críticas. O fato é que o trabalho de plasma de uma língua modernista nascida da mistura do português com as contribuições das outras línguas imigradas entre nós e contudo tendendo para uma construção de simplicidade latina, não deixa de ser interessante e original. A uma coisa apenas oponho legítimos embargos — é à violação das regras comuns de pontuação. Isso resulta em lamentáveis confusões, apesar de, sem dúvida, fazer sentir “a grande forma da frase”, como diz Miramar *pro domo sua*”. Mas nas entrelinhas dêsse veredicto joco-sério se podem ler, claras, as reivindicações de Oswald, que seriam formuladas no “Manifesto da Poesia Pau Brasil”: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”¹³.

A paródia estilística Já se viu como a “Carta prás Icamiabas”, do *Macunaíma*, pode ser aproximada das *Mémorias Sentimentais de João Miramar*, através do recurso da paródia lingüística e estilística. A paródia marioandradina é mais arcaizante, mais voltada pa-

13) Publicado no *Correio da Manhã*, em 18-3-1924. Republicado na *Revista do Livro*, Instituto Nacional do Livro, MEC, Rio de Janeiro, n.º 16, ano IV, dezembro de 1959, págs. 187/190.

ra o linguajar quinhentista, colhido nas fontes escritas de clássicos portuguêses e dos primeiros cronistas que deram relato de nossa terra ("Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, grilos, guardas-cívicas, boxistas, legalistas, mazorqueiros, etc.; sendo que alguns dêsses têrmos são neologismos absurdos — bagaço nefando com que os desleixados e petimetre conspurcam o bom falar lusitano. Mas não nos sobra já vagar para discretemos "sub tegmine fagi" sobre a língua portuguêsa, também chamada lusitana"); de envolta, é ridicularizada a gramatiquice dos puristas: note-se, por exemplo, como, num texto onde são ferreteados os forjadores de neologismos, é incrustado, propositadamente, um galicismo fora de circulação — "petimetre" ("petit-maître"). Já a paródia oswaldiana apanha êsses mesmos vezos na sua diluição retórica, é uma crítica ferina ao que Paulo Prado, no seu importante prefácio ao primeiro livro de poemas de Oswald (*Pau Brasil*, 1925) chamaria de "o mal da eloqüência balofa e roçagante", "um dos grandes males da raça". Sem esquecer de que, no *Pau Brasil*, são apresentados recortes e montagens da linguagem dos nossos cronistas, mas aí com um propósito bem diverso: o de mostrar-lhe o sabor e a espontaneidade, restituídos à sensibilidade moderna em *flashes*, em tomadas isoladas, não imitativas, mas criativas¹⁴.

Personagens Machado Penumbra, o pseudo-autor do prefácio ao *Miramar*, extrapola do seu texto para se converter, êle próprio, em personagem do livro. Comparece, sempre em atitude empertigada e oratória ("orador ilustre escritor"), em vários episódios (o *Mira-*

14) Algo análogo ao processo do "make it new" ("fazer o ficar novo") utilizado por Ezra Pound ao incorporar, em alguns de seus "Cantares", trechos dos "razos" medievais (crônicas da vida dos trovadores) que introduziam as racoltas de poesia provençal.

mar não é dividido em capítulos, mas em episódios-fragmentos, numerados): 69-*Etnologia* — como orador numa sessão de Instituto Histórico; 70-*Rodinha* — como participante das tertúlias domésticas de Miramar; 81-*Noite Institutual* — com um trecho belicista de seus “Discursos Sul-americanos”; 89-*Literatura* — como conferencista em “excursão histórica”, a convite do “Grêmio Bandeirantes” de “Aradópolis”, para uma reverência póstuma “à malograda morte do Conselheiro Zé Alves”; 137-*Baile* — com uma frase suspirosa para o álbum de Mlle Rolah, a amante de Miramar (“A sua loira e estranha divindade dominou a sala fantástica até extinguir-se a última nota da mágica orquestra”); 155-*Ordem e Progresso* — como discursante homenageado num jantar redatorial de Ano Nôvo (aí Miramar-Oswald fotografa-o em ato: “Machado Penumbra diretivo nos enfrentava casaca de papo branco e flor”). Cercam-no outros intelectuais de província (e não esqueçamos que São Paulo de 1912, época em que se passa o *Miramar*, era uma província no sentido exato do termo, o que não retira a atualidade da sátira, pois o beletrismo oratório-acadêmico é ainda um fenômeno vigente e encontradiço entre nós meio século depois!). Esses personagens são: “a agigantada figura moral do dr. Pôncio Pedroso, Presidente do “Recreio Pingue-Pongue”, chiquís-archeólogo” (86-*Campos de Batalha*), autor da “biografia do patriarca Basílio 8 que foi torrado numa igreja por causa de Orígenes” (88-*Jabuticabas*); o dr. Mandarim Pedroso, Presidente do “Recreio Pingue-Pongue”, “chiquíssima sociedade de môças que a sua personalidade centrava como um coreto” e que êle próprio definia como “uma forja de temperamentos e um ninho de pombas gárrulas” (155-*Ordem e Progresso*; no episódio 160-*Discurso análogo ao apagamento da luz durante o fox-trot pelo dr. Mandarim Pedroso*, vemo-lo proferir uma hilariante homilia congratulatória aos jovens associados do seu clube); o “fino poeta Sr. Fíleas de muita cultura” (70-*Rodinha*),

que pensava na Grécia e falava a Miramar “da imortalidade da poesia e da mortalidade dos poetas inclusive êle mesmo” (uma frase-caricatura o define no episódio 72-*Sossegadas carambolas*: “Fíleas era um cosmético de sonetos”). O livro fecha com uma opinião crítica do dr. Pôncio Pilatos (referida por Miramar a um jornalista), vazada no mesmo jargão amaneirado e postiço com que Machado Penumbra o abre (“O meu livro lembrou-lhe Virgílio, apenas um pouco mais nervoso no estilo”). Aliás, êsses personagens são mais ou menos reversíveis, e configuram, todos êles, uma mentalidade-tipo, que confere sentido à paródia e lhe dá unidade e continuidade. Tôdas essas figuras são basicamente extraídas do ambiente em que circulava Oswald na São Paulo anterior e contemporânea à Primeira Grande Guerra. Isto se verifica facilmente através da leitura do 1.º volume da autobiografia do autor (*Um Homem sem Profissão*, Livraria José Olympio Editôra, 1954), único publicado aliás, e que cobre o período de 1890-1919. Sob êste ponto de vista, essa autobiografia é um livro-chave para a compreensão da obra de ficção oswaldiana, como já reparou Antonio Cândido¹⁵. Oswald não poupa a si próprio na colheita de dados para a configuração daquele protótipo satirizado. No *Um Homem sem Profissão* (págs. 133/134), êle mostra como o contexto atuou sobre o seu inconformismo, refreando-o, mesmo depois de sua primeira viagem à Europa (1912) e de seu contato com o “Manifesto Futurista” de Marinetti: “Nesse ambiente confinado, eu encolhi as linhas da segunda frente que a Europa abrira para a minha sêde de vida e de ação”. E conta como jogara fora o seu primeiro “poema livre” (“O último passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bonde”), sob a assuada dos poetas-trostos de sua roda, empedernidamente parnasianos e atra-

15) “Prefácio Inútil” a *Um Homem sem Profissão*, pág. 12.

sados. Em outro trecho (pág. 206), êle se descreve ao tempo de estudante de direito, em caravana cívica, participando de sessões oratórias em grêmios interioranos, e então a cena autobiográfica parece colhida diretamente nas *Memórias Sentimentais*¹⁶. “Miramar de rabona, fala. Está quase comovido. Quase treme. Precipita, engole, joga períodos. Estaca. Terminou. Tijucópolis hesita. Aristides hesita. Mas Miramar sentou-se. Então despensa sôbre êle a mais bem entoada das salvas de palmas. Acabou-se a festa. Tijucópolis dispersa, tristemente, aos bandos, amassando o barro grosso das chuvas”.

Sátira dentro da sátira Mas a sátira lingüística miramarina tem ainda outros níveis. Há uma sátira dentro da sátira, na figura de Minão da Silva, agredido da “Fazenda Nova Lombardia” e “jovem orgulho mulatal do grêmio Bandeirantes”, personagem que, “tomanndo a palavra pela ordem”, responde ao discurso de Machado Penumbra no episódio 89-*Literatura*: “— Não preocupei as bancadas das escolas, meus senhores e ilustríssimas senhoras e crianças! Mas o conselheiro Zé Alves que o ilustre colega comemoramos não morreu! Apenas desapareceu de nossa competência! O Grêmio Bandeirantes com 500 membros me mandou saudá-lo. Ele tem doutôres que não quiseram vim. Mas a norma do regulamento dos estatutos me mandou saudar. Desculpe os erros!”. A paródia do letrado pedante e pomposo pelo iletrado (ou semiletrado) pernóstico e deslumbrado, tudo dentro de um mesmo círculo vicioso de alienação, acrescenta um nôvo dado à crítica social e lingüística levada a efeito por Oswald. No mesmo passo, Mário de Andrade caricatura em *Macunaíma* (X-*Pau-Pódole*, pág. 114; XI-*A Velha*

16) “O meu nome é Miramar”, escreve Oswald à pág. 181 de sua autobiografia, e, daí por diante, identifica-se com seu pseudônimo.

Ceiuci, págs. 125/126) um orador de praça pública, “mulato da maior mulataria”, que deita prolixa falação sobre “o dia do Cruzeiro” (“... Meus senhores, ... aquelas quatro estrélas rutilantes como lágrimas ardentes, no dizer do sublime poeta, são o sacrossanto e tradicional Cruzeiro que...”) e um estudante, que profere uma arenga desconexa da capota de um auto (“— Meus senhores, a vida dum grande centro urbano como São Paulo já obriga a uma intensidade tal de trabalho que não permite-se mais dentro da magnífica entrosagem do seu progresso sequer a passagem momentânea de séres inócuos. Ergamo-nos todos *una voce* contra os miasmas deletérios que conspurcam o nosso organismo social e já que o Governo cerra os olhos e dilapida os cofres da Nação sejamos nós mesmos os justiçadores...”)¹⁷.

Revolução e autocritica A paródia programática à linguagem pretensiosa e falsa e à ôca verbosidade¹⁸ permitiu-nos cotejar a prosa de Mário com a de Oswald e mostrar pontos de contato entre ambas. Isto, se em nada desmerece a primeira, pois os elementos oswaldianos foram nela aproveitados num sentido pessoal e perfeitamente integrados no plano geral do *Macunaíma*, não deixa de vir a crédito do caráter pioneiro do experimento de Oswald. As *Memórias Sentimentais de João Miramar* foram, realmente, o verdadeiro “marco zero” da

17) Cavalcanti Proença, *ob. cit.*, pág. 190, estabelece a interligação destas duas passagens do *Macunaíma* com a “Carta prás Icamiabas”.

18) Para mostrar a atualidade do tema do arremêdo oratório e as possibilidades do seu tratamento lingüístico, inclusive como variedade literária de “non sense”, poderíamos referir dois textos recentes, de fatura e intenções diversas: o poema “Bufo-neria Brasiliensis II — Música de Coreto”, 1955, de Décio Pignatari (*antologia noigandres*, Massao Ohno Editôra, São Paulo, 1962) e o conto “Darandina”, das *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa (Livraria José Olympio Editôra, R. Janeiro, 1962).

prosa brasileira contemporânea, no que ela tem de inventivo e criativo (e um marco da poesia nova também, naquela “situação limite” em que a preocupação com a linguagem na prosa aproxima a atitude do romancista da que caracteriza o poeta). Romperam escandalosamente com todos os padrões então vigentes, fazendo a autocritica inclusiva (voluntária ou involuntária) da própria tentativa romanesca anterior e paralela de Oswald (*A Trilogia do Exílio*, 1922/1934, fundida num volume único, *Os Condenados*, 1941)¹⁹. Aliás, o próprio Oswald confessa que fizera a revolução modernista em parte contra si mesmo, pois “temia escrever bonito demais” se não “destroçasse todo o material lingüístico que utilizava, amassando-o de novo nas formas agrestes do modernismo”²⁰. Fica, por outro lado, evidenciada a importância dêsse recurso estilístico e compositivo — a *paródia* — na obra tanto de Oswald como de Mário. Através, mais uma vez, da idéia

19) Segundo refere Oswald em nota final à edição de 1941 (Livraria do Globo, Pôrto Alegre), a *Trilogia* teria sido escrita entre 1917 e 1921. Pelo menos as duas primeiras partes estariam prontas em 1920, conforme Menotti del Pecchia, citado por Mário da Silva Brito (*ob. cit.*, na nota 6, pág. 150). O conflito dialético — formal e ideológico — entre a *Trilogia* e o par *Miramar/Serafim* é a tese central desenvolvida por Antonio Cândido no seu estudo “Estouro e Libertação” (ver nota 8). Ainda que seja lícito entrever na *Trilogia* o embrião de certas técnicas empregadas com consequência e eficácia por Oswald naqueles dois romances experimentais, não se pode deixar de concordar com a percuciente crítica de Antonio Cândido ao “dannunzianismo” e ao “tradicionalismo” que impregnam a primeira fase da prosa oswaldiana. O termo “gongorismo”, usado então pelo crítico, prestou-se a uma controvérsia que passou por cima do verdadeiro enderêço do reparo. Uma prosa *art nouveau* seria, talvez, o qualificativo adequado para exprimir o cordão umbilical finissecular a que está presa, estilística e emocionalmente, a fase da *Trilogia*.

20) “Correspondência” (carta a Léo Vaz), em *Ponta de Lança* (*ob. cit.* na nota 3, pág. 16).

de *paródia* — que interessou igualmente a um James Joyce e a um Thomas Mann — estaremos já no ponto de passar a outra preocupação anunciada no início dêste estudo: o paralelo entre as *Memórias Sentimentais* e o *Ulysses* do mestre irlandês. Como elucida Harry Levin, Joyce, no episódio da maternidade do *Ulysses* ("The Oxen of the Sun" / "Os Bois do Sol"), parodia lingüisticamente, numa parada de virtuosismo, "todos os principais estilistas da história da literatura inglêsa" ²¹.

Um marco antinormativo É muito provável que Oswald de Andrade, apesar de se encontrar em Paris no ano de 1923 (sua segunda viagem à Europa), não tivesse tomado contato àquela data com o *Ulysses* de James Joyce, que fôra editado um ano antes, numa tiragem limitada a 1 000 exemplares, destinada, quanto possível, à venda por subscrição antecipada. A esta primeira edição (Shakespeare and Co., Paris), esgotada no verão de 1922, seguiu-se imediatamente uma outra, também impressa na França (para The Egoist Press, Londres), limitada a 2 000 exemplares, a quarta parte da qual, inclusive um suplemento de 500 exemplares tirado em janeiro de 1923, foi confiscada e destruída pelas autoridades alfandegárias norte-americanas e inglêses, sob a acusação de obscenidade ²². Mário de Andrade, que supria com o gôsto pela informação metódica a impossibilidade de viajar, refere seu aprêço pelo escritor irlandês já numa carta de 1925 ("Porque, quando alguém me fala que admira que nem eu o James Joyce eu digo: "êsse sujeito é inteligente") ²³. Oswald, por sua vez, em artigos coligidos

21) Harry Levin, *James Joyce*, New Directions, Norfolk, Conn., 1941, pág. 105.

22) Cf. Richard Ellmann, *James Joyce*, Oxford University Press, N. Iorque, 1959, pág. 521, nota.

23) *Ob. cit.* na nota 2, pág. 125.

em *Ponta de Lança* — volume que cobre suas atividades de jornalista e conferencista entre 1943/1944 — dá a maior importância ao *Ulysses* joyciano. Num desses artigos escreve: “— Então, quem é que começa o romance moderno? — Joyce. Guarde a data da publicação do *Ulysses*”. Mais adiante, no mesmo trabalho, chama o *Ulysses* de “um grande marco antinormativo”. Noutro artigo, anota: “Justamente o *Ulysses* é um marco onde termina o romance da burguesia, pois aí, num dia coletivista e mural, seus heróis destroçados não são mais de modo algum os “mandatários da própria debilidade no país da fôrça”. Como não o são na *Montanha Mágica*, onde o episódio pessoal desaparece sob o inventário cultural de todo um século”²⁴.

Joyce e Thomas Mann Nesse depoimento de Oswald é especialmente significativa a conjugação de Joyce e Thomas Mann, inclusive do ponto de vista ideológico, como romancistas da crise da burguesia. Por mais que um crítico como Georg Lukács — tão cheio de iluminações como de idiossincrasias — se esforce por desvincular a obra manniana da joyciana, não é possível deixar de ver o quanto elas têm em comum²⁵. O próprio

24) *Ob. cit.* na nota 3, págs. 41, 44 e 70.

25) *La Signification Présente du Réalisme Critique*, Gallimard, 1960. A argumentação de Lukács a respeito do par Joyce/Mann é brilhante e se beneficia das contradições que engendra. Não há dúvida de que os projetos de Joyce e Thomas Mann visavam a alvos diferentes, mas, deve-se admitir, cobriam também zonas comuns, que não são apenas “aparentes” como pretende Lukács. No seu maniqueísmo de negação total a Joyce (que envolve um fascínio paradoxal pelo objeto negado), Lukács, não obstante, é levado a reconhecer que “as pesquisas experimentais de caráter formal são necessariamente da mais alta importância para todo escritor que deseje refletir, no que eles têm de realmente específico, os traços que o mundo atual apresenta”. Isto explicaria, por exemplo, — acrescenta —, a simpatia de um Mann por um Joyce (págs. 93/94).

Thomas Mann, no *Romance de um Romance*²⁶ — obra em que descreve a gênese do *Doktor Faustus* (1947) — admite expressamente que, na *paródia*, está seu ponto de contato com Joyce: “Em matéria de estilo eu hoje não conheço, pode-se dizer, outra coisa senão a paródia. Vizinho, nisto, de Joyce”. Noutra passagem, escreve: “Alimentava o preconceito de que, ao lado do vanguardismo excêntrico de Joyce, a minha obra faria o efeito de um fraco tradicionalismo. É verdade que o vínculo tradicional, ainda que tinto de paródia, permite uma acessibilidade mais fácil e comporta a possibilidade de ser mais popular. Todavia, é antes uma questão de postura que de essência”. E prossegue, reconhecendo que o juízo do crítico Harry Levin sobre a obra joyciana (“Ao passo que seu tema revela a decomposição da classe média, a técnica de Joyce vai além dos limites da ficção realista. Nem o *Portrait of the Artist*, nem o *Finnegans Wake* são romances, em sentido estrito, e o *Ulysses* é um romance para acabar com todos os romances”) se aplicava perfeitamente à *Montanha Mágica*, ao *José* e ao *Doutor Fausto* e correspondia a uma sua proposição (semelhante a outra de T. S. Eliot sobre o *Ulysses*) no sentido de que, em matéria de romance, “sómente tem valor hoje, ao que tudo indica, aquilo que não é mais romance”. Estas considerações de Thomas Mann não ficaram apenas no plano teórico. Bastaria lembrar, em matéria de *paródia*, o uso de um alemão arcaizante para caracterizar a possessão demoníaca na alocução final do compositor Adrian Leverkühn, no *Doktor Faustus*. Este senso parodístico levado à textura lingüística encontra seu ponto máximo na obra maniana em *Der Erwählte* (“O Escolhido”, 1951), uma novela até certo ponto complementar ao *Doktor Faustus*,

26) *Romanzo d'un Romanzo*, tradução italiana publicada em 1952 pela editora Mondadori, págs. 101 e 129/131.

na qual a maldição original é transformada em bênção, e que, na tradução inglesa, recebeu o título significativo de *The Holy Sinner* ("O Pecador Santificado"). Comenta Henry Hatfield com respeito a essas duas obras da última fase de Mann: "O uso ocasional por Mann de um alemão modificado do século XVI, com associações fáusticas, luteranas e diabólicas, não é primariamente um recurso para criar atmosfera. Antes, tende a interrelacionar caracteres: o grotesco teólogo Kumpf, Adrian e o Demônio, todos se expressam nesse idioma, uma vez ou outra" ... "Em *The Holy Sinner* ele vai mais adiante: torna-se conscientemente abstrato e confessadamente poliglota, assim como deliberadamente parodístico" (a fonte do livro é uma lenda colhida num poema alemão medieval) ²⁷. Nessa novela, sobre a qual Lukács parece guardar silêncio, mas onde, não por coincidência, o narrador é um monge irlandês, Mann chega a se avizinhar, em certas passagens, do Joyce de *Finnegans Wake*, pela trama babólica do texto.

O Ulysses e o Miramar No *Ulysses* joyciano, a paródia é um recurso fundamental. Não seria necessário sequer recorrer ao já mencionado episódio XIV da obra — "The Oxen of the Sun", este capítulo parodístico por excelência, onde o desenvolvimento embrionário até o parto é apresentado por intermédio de uma elaborada paráfrase da evolução da língua e da literatura inglesas, desde o anglo-saxão primitivo, monossilábico e aliterativo, até o *cockney* e o *slang* das ruas, passando pela imitação dos principais estilistas do idioma. A própria paródia da epopéia homérica no péríodo quotidiano de um obscuro cidadão de Dublim já envolve, à maneira de um programa geral, esta sua extrema exten-

27) Henry Hatfield, *Thomas Mann/An Introduction to his Fiction*, Peter Owen Ltd., Londres, 1952, págs. 132 e 141.

são técnica²⁸. Como já vimos ao comparar as *Memórias Sentimentais de João Miramar* com o *Macunaíma*, em ambos os livros está presente êsse recurso estilístico e estrutural tão relevante para a compreensão de algumas das maiores criações da literatura moderna, quanto útil para o entendimento de certas obras do passado literário notadamente insubmissas a uma classificação convencional, como as de um Folengo, de um Rabellais, de um Cervantes. Um recurso que os dois Andrades, Oswald e Mário, como procuramos fazer sentir, souberam localizar perfeitamente no contexto brasileiro, com ativa função de sátira social. Mas, ficando apenas em Oswald, não é únicamente sob êsse ângulo que se poderia aproximar o *Miramar* do *Ulysses*, embora o paralelo deva fazer-se sempre com a maior cautela e dentro das devidas ressalvas. Realmente, as *Memórias Sentimentais* estão muito longe de ter a intrincada e complexa estrutura, o caráter monumental do *Ulysses* joyciano, verdadeira enciclopédia das técnicas do romance moderno. Bastaria considerar o meticoloso roteiro do labirinto, preparado pelo próprio autor e divulgado pela primeira vez por Stuart Gilbert²⁹, para têrmos uma medida da distância que separa o macro-microcosmo joyciano, cuidadosamente planejado nos mínimos detalhes, do romance oswaldiano, feito todo êle no fio de uma improvisação genial, pequena obra-prima de 163 episódios-fragmentos condensados em pouco mais de 100 páginas. O *Miramar*, como todo, poderá antes ser pôsto em cotejo com um capítulo isolado do *Ulysses* (VII-Eolo), passado numa redação de jornal, e onde são aproveitadas as téc-

28) Para W. Y. Tindall, *James Joyce — His way of interpreting the modern world*, C. Scribner's Sons, N. Iorque/Londres, 1950, págs. 43/46, êsse uso da paródia na obra joyciana exprimiria uma "visão cômica da vida".

29) Stuart Gilbert, *James Joyce's Ulysses*, Faber & Faber, Londres, 1952 (1.^a ed.: 1930), pág. 41.

nicas de manchete, titulagem e tópico da imprensa diária. *O Miramar*, com seu estilo telegráfico, é bem um misto de diário sentimental e de jornal dos *faits divers* duma sociedade provinciana e ociosa, cujo barômetro era a alta do café ou a sua crise³⁰. Antonio Cândido dá-nos esta expressiva síntese do livro: “*Memórias Sentimentais de João Miramar*, sobre ser um dos maiores livros da nossa literatura, é uma tentativa seriíssima de estilo e narrativa, ao mesmo tempo que um primeiro esboço de sátira social. A burguesia endinheirada roda pelo mundo o seu vazio, as suas convenções, numa esterilidade apavorante. Miramar é um humorista *pince sans rire*, que procura *kodakar* a vida imperturbavelmente, por meio duma linguagem sintética e fulgurante, cheia de soldas arrojadas, de uma concisão lapidar”³¹. Evidentemente que, no “*Aeolus*” do *Ulysses*, imbricam-se intenções pré-ordenadas cu sobre-impostas através de uma constante reelaboração (à exploração das técnicas jornalísticas se junta um mostroário dos recursos da arte da retórica, com todo o seu cabedal de figuras), que são estranhas à imediatidate associativa com que se processa a *collage* dos fragmentos miramarinos: mas no caráter tópico e reduzido das tomadas êles se assemelham. Não falta também ao *Miramar* — já está no título, a investir o personagem, onomásticamente, duma perpétua vocação marítima — a idéia de périplo, idéia que no *Ulysses* joyciano é transposta para uma jornada terrestre e pedestre no enclave urbano de Dublim. É aquêle “caráter de Odisséia que o romance conscientemente tomou com Joyce”, a que alude Oswald com tanta convicção³². Só que o périplo, no *Miramar*, é

30) “O modernismo é um diagrama da alta do café, da quebra e da revolução brasileira”, Oswald de Andrade, *ob. cit.* na nota 3, pág. 120.

31) Antonio Cândido, *ob. cit.* na nota 8, pág. 21.

32) Oswald de Andrade, *idem*, pág. 68.

aparentemente sem consequências: um périplo para o consumo boêmio da liberdade e ao cabo do qual o herói se reintegra no seu contexto burguês (matrimônio — amante — desquite — vidinha literária — peripécias financeiras). Um tanto defasado, é verdade, já que as *Memórias* são também o seu diário de pós-viagem, e as *Memórias* são a negação desse contexto pelo ridículo. Miramar é um Ulisses ingênuo, sem as manhas do *rusé personnage* homérico, mas para o qual a viagem representa uma primeira perspectiva, se bem que ainda imprecisa e indefinida, de abertura para o mundo e de “situação” crítica. “E voltava inocente como fôra, pela ladeira de um intérmino mar. Apenas tinha uma nova dimensão na alma — conhecera a liberdade” (Oswald, *Um Homem sem Profissão*, pág. 125). Mas o destino ulissíaco do personagem se transporta para o romance detonado pelo *Miramar*, e que o supera como projeto ideológico e formal, — o *Serafim Ponte Grande* (1929/1933) —, onde “a crosta da formação burguesa e conformista é varrida pela utopia da viagem permanente e redentora, pela busca da plenitude através da mobilidade”³³. O mito da “viagem permanente” é também a contrapartida anárquica da revolução permanente, que se transformará em vontade positiva de engajamento no importante prefácio retrospectivo e prospectivo do *Serafim*. Esse novo Odisseu, Miramar-Serafim, só reencontrará, vivido e sofrido, a sua Ítaca espiritual, com o *Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão* (1942), canto da paz sobrevinda à guerra, onde a mulher amada é celebrada assim: “Cais de minha vida / partida sete vêzes / Cais de minha vida quebrada / Nas

33) Antonio Cândido, “Oswald Viajante”, em *O Observador Literário*, Comissão Estadual de Literatura, São Paulo, 1959, pág. 91.

prisões / Suada nas ruas / Modelada / Na aurora imprecisa dos hospitais”³⁴.

Raízes futuristas Se não parece cabível presumir — antes é de rejeitar — a hipótese de uma influência direta do *Ulysses* sobre o *Miramar*, é perfeitamente compreensível que se possam vislumbrar certas afinidades técnicas entre ambos. Por trás de um e de outro atuaram os manifestos, a poesia e a prosa de combate dos futuristas. Oswald relata (*Um Homem sem Profissão*): “Dos dois manifestos que anunciaiam as transformações do mundo, eu conheci em Paris o menos importante, o do futurista Marinetti. Carlos Marx me escapara completamente” (pág. 124). “Uma aragem de modernismo vinha através da divulgação na Europa do “Manifesto Futurista”, de Marinetti, chegara até mim” (pág. 134). Mário da Silva Brito completa a informação: “Rgressando da Europa, em 1912, Oswald de Andrade fazia-se o primeiro importador do “futurismo”, de que tivera apenas notícia no Velho Mundo. O Manifesto Futurista, de Marinetti, anunciando o compromisso da literatura com a nova civilização técnica, pregando o combate ao academicismo, guerreando as quinquilharias e os museus e exaltando o culto às “palavras em liberdade”, foi-lhe revelado em Paris”³⁵. Pois o futurismo inseminou também o *Ulysses* de Joyce, como se verá.

Joyce e o futurismo James Johnson Sweeney, num interessante estudo sobre a obra joyciana, menciona o pintor inglês Frank Budgen, companheiro chegado de James Joyce nos dias de Zurique, lembrando que

34) Nesse poema, Oswald obtém uma surpreendente fisionomia do eu-lírico com o eu-coletivo ou participante, segundo procuramos demonstrar em artigo publicado no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* (“Lirismo e Participação”), em 6-7-63.

35) *Ob. cit.* na nota 6, pág. 26.

o romancista perguntara a Budgen, certa vez, se não considerava o episódio dos “Cíclopes”, no *Ulysses*, cheio de movimento e violência, “como futurista”³⁶. Recorda, também, que Joyce emprestara ao amigo, interessado em aprender o italiano, o livro de Boccioni sobre o futurismo, como texto de leitura³⁷. Para Sweeney, a evolução da prosa de Joyce, de *Stephen Hero* ao *Finnegans Wake*, culmina com a conquista de uma “simultaneidade de expressão similar àquela visada pelos futuristas italianos, mas muito mais completa do que a que eles poderiam realizar com um meio pictórico”. Comparando excertos do *Portrait of the Artist as a Young Man*, do *Ulysses* e do *Finnegans Wake*, Sweeney conclui: “...Na obra inicial, as imagens eram construídas por sentenças e por cláusulas. No *Ulysses*, vemos que os elementos funcionais se reduzem a palavras, ou no máximo frases, evocativas, associadas. Finalmente, no *Finnegans Wake*, vemos várias imagens condensadas numa só palavra, onde os elementos em associação não são frases ou vocábulos mas sílabas...”. Sweeney, conhecido crítico de artes visuais, limita seu traçado de influências ao futurismo plástico, evocando o manifesto lançado por Boccioni, Carrà, Russolo, Balla e Severini (*La Pittura Futurista — Manifesto Técnico*), em abril de 1910, época em que Joyce vivia em Trieste, cidade de língua italiana³⁸. Nesse manifesto se

36) James Johnson Sweeney, “The Word was his Oyster”, em *The Hudson Review*, N. Iorque, vol. V, n.º 3, outono de 1952, págs. 404/408. Sweeney refuta a tese segundo a qual, por sua deficiência de visão, Joyce não teria o poder da imágética visual, mas sim, exclusivamente, uma grande acuidade acústica.

37) Trata-se, ao que tudo indica, de *Pittura scultura futuriste* (*Dinamismo plástico*), por Umberto Boccioni, *Edizioni Futuriste di Poesia*, Milão, 1914.

38) Joyce viveu em Trieste de 1905 a 1915, exceto por uma permanência em Roma entre 1906/1907. A primeira das

lê: “O espaço não existe mais; uma rua banhada pela chuva e iluminada por globos elétricos se abisma até o centro da terra”. Nêle se proclama: “1. Que o complementarismo congênito é uma necessidade absoluta na pintura, como o verso livre na poesia e como a polifonia na música; 2. Que o dinamismo universal deve ser reproduzido como sensação dinâmica; 3. Que na interpretação da Natureza precisa-se de sinceridade e pureza; 4. Que o movimento e a luz destroem a materialidade dos corpos”. E se conclui, afinal: “Pensais que somos loucos. Ao contrário, somos os Primitivos de uma nova sensibilidade, completamente transformada”³⁹.

Poesia e prosa futuristas O que Sweeney deixa de referir, porém, é que êsses mesmos preceitos do futurismo plástico encontravam seu correlato nos experimentos em poesia e prosa do movimento, nos quais se pode notar — como na pintura ou na escultura futuristas — aquêle processo que o crítico define como uma “interpenetração simultânea de superfícies”. A senha é *simultaneísmo*. Palavras em liberdade. Imaginação sem fios. No *Manifesto-Fondazione del Futurismo*, de Marinetti, publicado no *Figaro* de Paris, em 20-2-1909, — o manifesto cujos ecos Oswald traria para o Brasil —, se inscreve: “Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade” ... “Um automóvel fremente, que parece correr sob a metralha, é mais belo que a *Vitória de Samotrácia*...” ... “A literatura exaltou, até hoje, a imobilidade

famosas “Serate Futuriste”, lideradas por Marinetti e destinadas à promoção pública do movimento, teve lugar, justamente, em Trieste, em 12-1-1910.

39) Em 23-12-27, Mário de Andrade escreveria a Tristão de Ataíde: “Sou primitivo porque sou indivíduo duma fase principiando”. Cf. 71 *Cartas de Mário de Andrade*, Livraria São José, Rio de Janeiro, s/ data, pág. 22.

pensativa, o êxtase e o sono. Queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, a corrida, o salto mortal, a bofetada e o sôco". A êste manifesto de fundação, seguiu-se um *Manifesto tecnico della letteratura futurista*, lançado em maio de 1912, ano em que Oswald andava por Paris. Ali está: "1. É preciso destruir a sintaxe, dispondo os substantivos ao acaso de seu nascimento". "2. É preciso empregar o verbo no infinito, para que se adapte elásticamente ao substantivo e não fique submetido ao *eu* do escritor que observa ou imagina...". "3. É preciso abolir o adjetivo, para que o substantivo nu mantenha sua cõr essencial...". "4. É preciso abolir o advérbio, fivela velha que mantém unidas as palavras num conjunto...". "5. Cada substantivo deve ter seu par, isto é, o substantivo deve ser acompanhado, sem locução conjuntiva, pelo substantivo ao qual está ligado por analogia. Exemplo: homem-torpedeiro, mulher-enseada, etc.". "6. Nada de pontuação...". "9. Para envolver e captar tudo o que há de mais fugidio e incaptável na matéria, é preciso formar filêtes cerrados de imagens ou analogias...". "10. Sendo tôda ordem fatalmente um produto da inteligência cautelosa, é preciso orquestrar as imagens, dispondo-as a partir de um máximo de desordem". "11. ... Depois do verso livre, eis, enfim, as palavras em liberdade"⁴⁰. E Marinetti, com seu estro bilingüe (francês/italiano), produz sem cessar. *Mafarka le futuriste* ("Mafarka il futurista"), romance africano, sai em Paris, em 1910, e vale ao autor um processo por ultraje ao pudor. *La bataille de Tripoli vécue et chantée par F. T. Marinetti* ("La battaglia di Tripoli vissuta e cantata

40) Para os excertos do "Manifesto tecnico", valemo-nos da tradução do saudoso poeta e crítico Mário Faustino, em "Poesia Experiência — Fontes e Correntes da Poesia Contemporânea — Futurismo, III: Ainda Marinetti" (Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, 8-12-57).

da F. T. Marinetti") é de 1911/1912. *Zang-tumb-tumb* — *Assedio di Adrianopoli* — *Parole in libertà*, de 1914, ano em que começa a ser escrito o *Ulysses*. Mário da Silva Brito reporta o entusiasmo despertado nos homens de 22 pela prosa marinettiana. Menotti del Picchia traduz fragmentos do *Mafarka*⁴¹, cujo cotejo com trechos do *Miramar* será bastante elucidativo:

“De repente, o trovão, vestido de brasa, arfante e com seus cabelos de chuva hirtos de pavor, precipitando-se do alto do zênite e rolando de uma escada de ferro a outra, esmigalhou-se nos subterrâneos do horizonte” (*Mafarka*).

“Lá embaixo, cintilaram lâminas e machados brancos, afiados por mãos invisíveis na pedra negra e dura das nuvens... Depois bruscamente, a cabeça do trovão foi decepada, de um golpe, por um relâmpago” (*Mafarka*).

“Estiadas amáveis iluminavam instantes de céus sobre ruas molhadas de pipilos nos arbustos dos squares. Mas a abóbada de garoa desabava os quartirões” (*Miramar*).

“O vento batia a madrugada como um marido. Mas ela perscrutava o escuro teimoso” (*Miramar*).

“O céu jogava tinas de água sobre o noturno que me devolvia a São Paulo” (*Miramar*).

No *Ulysses* também se encontram exemplos dessa acelerada imagística sonoro-visual. Eis, vertido para o português, um trecho do “Eolo”:

41) *Apud* Mário da Silva Brito, *ob. cit.* na nota 6, pág. 194.

“Carroceiros botas grossas rolam barris oco-tombando para fora dos depósitos Príncipe e os botam de bôrco no chão da cervejaria. No chão da cervejaria de bôrco octombam barris rolados por carroceiros botas grossas para fora dos depósitos Príncipe”.

Só que, no *Ulysses*, sob o aparente ludismo verbal, se esconde um típico e calculado efeito joyciano: trata-se de um “quiasmo” (ordenação cruzada dos elementos componentes de dois grupos de palavras contrariando a simetria paralelística), um dos muitos artifícios do gênero imbricados nesse episódio que, a propósito do jornalismo contemporâneo, parodia as clássicas formas da arte retórica.

Contribuição de Marinetti Mas o Marinetti do *Mafarka*, romance de estrutura ainda tradicional, que participa da literatura galante e do exotismo de pacotilha, e onde as imagens mais ousadas apenas afloram numa linguagem de andadura pomposa e para-simbolista, não é o mais apropriado paralelo. O Marinetti adequado é aquêle já comensurado aos seus próprios manifestos, liberto da placenta dannunziana, o Marinetti dos *parolibri*, dos *aeropoemi*, das *simultaneità*. Veja-se este trecho de *Battaglia Peso+Odore*, de 1911⁴²:

“Meiodia 3/4 flautas gemidos soleão *tumbtumb* alarme Gargaresch esfacelar-se crepitação marcha Tilintar mochilas fuzis cascós pregos canhões crinas rodas caixões judeus empadas pão-de-óleo cantilena lojinhas bafos cintilação remela fedor canela”.

42) Tradução de Mário Faustino, *loc. cit.* na nota 40.

Ou êste outro, que extraímos de *Zang-Tumb-Tumb* e vertemos para o português:

“Sedentariedade velocíssima do chauffeur semi-deitado sôbre o volante Saturno no anel girar girar fazer do pé ao longinqüíssimo pèzinho azul das mais loucas velocidades *glu glu glu* de ar em garrafas-orelhas vento ventriloquo”.

Ou, finalmente, êstes fragmentos de *aeropoema*⁴³:

“Redondas rendas doidas e baques e lampejos pelo fasto do grande baile alegratroz dos explosivos”.

“Cabriolando ferralhando no céu entre tetos de tempestuosos lampadários nos quais urge dardeja um fragor de matadouro”.

“Chamo-me Vicenzo Ciaràvolo marinheiro de Torre del Greco disse ao comandante do contratorpedeiro Nullo tornando-me o ordenança cheio de zélo sal pimenta vermelho em sopa-de-peixe quando esperávamos no ancoradouro”.

Estilo telegráfico Se Marinetti falava numa “immaginazione senza fili”, Harry Levin, a propósito do *Ulysses*, fala na “sintaxe telegráfica do monólogo interior”⁴⁴. Oswald, de sua parte, insinua no prefácio joco-sério de Machado Penumbra a caracterização do estilo miramarino como “estilo telegráfico”. Evidentemente que êsses procedimentos não levaram aos mesmos resultados, temperados que foram por personalidades

43) Tradução de Mário Faustino, “Futurismo IV: Marinetti e Soffici”, Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, 15-12-57.

44) *Ob. cit.* na nota 21, pág. 94.

e intentos diversos. Mas o método de amostragem e comparação é sempre revelador nesses casos. Tudo se prendia, afinal, ao espírito da época, que demandava — como disse Ezra Pound num poema famoso⁴⁵ — “a prose kinema”. Em matéria de monólogo interior, de *stream of consciousness*, o *Miramar* nos fornece exemplos que poderiam ser assim classificados. Logo no *fragmento 1* (“O Pensieroso”), uma evocação do mundo infantil — a criança, no quarto materno, preparando-se para dormir e misturando as palavras de uma prece habitual com as impressões ingênuo-maliciosas provocadas pela contemplação de um manequim de costura:

“Vacilava o morrão do azeite bojudo em cima do copo. Um manequim esquecido vermelhava.

— Senhor convosco, bendita sois entre as mulheres, as mulheres não têm pernas, são como o manequim de mamãe até em baixo. Para que pernas nas mulheres, amém”⁴⁶.

Outro momento análogo, embora sem caráter monologal explícito, está no *episódio-fragmento 82* (“Tática”). Miramar fica sabendo da chegada ao Brasil, a bordo do navio Darro, “acossada pela conflagração mundial”, da “jovem estréla cinematográfica Mlle Rolah” (com a qual, na seqüência do livro, terá um caso amoroso). A nova, colhida no jornal, se embaralha no seu espírito com o noticiário de guerra, e fica registrado nas *Memórias* o seguinte *flash* mental:

45) “E. P. Ode pour l'élection de son sépulcre”, em *Hugh Selwyn Mauberley*, seqüência de poemas publicada em Londres, em 1920.

46) Em *Um Homem sem Profissão*, págs. 23/27, encontram-se, mais desenvolvidamente, os ingredientes desse episódio de infância.

“Até ontem a ala esquerda dos aliados fazia recuarem quase que desordenadamente as tropas invasoras numa distância de 70 quilômetros enquanto Joffre Rolah e a ala direita formavam ângulo em Verdun com as tropas de leste cobrindo-as assim contra um envolvimento do Darro”.

O trecho lembra, menos desarticulado e sem a ceno-grafia tipográfica típica, o *parolibero* de Marinetti “Après la Marne, Joffre visite le front en auto” (1919). Mudara o ponto focal estético. Na base do monólogo interior está o simultaneísmo, que o poeta e pintor Ardengo Soffici, na sua *Estetica Futurista*⁴⁷, assim define: “Pôsto o artista como centro móvel do universo vivente, tôdas as sensações e emoções, sem perspectiva de espaço ou de tempo, atraídas e fundidas num ato criativo poético. Simultaneidade de estados de espírito polarizados por vias análogicas de recordações, de pensamentos remotos, de impressões de outros lugares e de outros tempos, como luzes de astros errantes concentrados num espelho”... “A caixa de fósforos que tênh o diante de mim se liga, como imagem, a um meu pensamento sôbre o mundo, a uma lembrança amorosa, e esta ao campo vespertino que vejo através da janela, estreitamente complementar ao título negro do *Corriere della Sera*”.

O espírito moderno Apollinaire, o poeta dos *Calligrammes*, cujas atividades formavam uma espécie de traço de união natural entre futurismo e cubismo, pois de ambos os movimentos participava, pronunciou em 1917, no Vieux-Colombier, uma conferênciia memorável sob o título “Os poetas e o espírito moderno”. Proclamava então: “... Podemos prever o dia em que o fonógrafo e

47) Ardengo Soffici, *Primi Princípi di una Estetica Futurista*, Vallecchi Editore, Florença, 1920, págs. 84/85.

o cinema sendo as únicas formas de impressão os poetas terão uma liberdade desconhecida até agora".... "No domínio da inspiração, sua liberdade não pode ser menor que a de um jornal quotidiano que trata numa mesma página de matérias tão diversas, percorre países os mais distanciados. Perguntamos por que o poeta não teria uma liberdade pelo menos igual, e por que seria levado, na época do telefone, do telégrafo sem fio, a uma maior circunspeção em face dos espaços?".... "Os poetas desejam, enfim, maquinizar a poesia como maquinizaram o mundo. Querem ser os primeiros a fornecer um lirismo inédito a êstes meios de expressão que trazem à arte o movimento e que são o fonógrafo e o cinema" ⁴⁸. Oswald de Andrade se reclamava de uma análoga visão do mundo, quando escrevia no dealbar da "Semana de Arte Moderna": "O êrro dos nossos censores é o êrro de todos os envelhecidos: estão fora da psicologia do telégrafo sem fios, do aeroplano, da estrada empedrada de automóveis e o seu armário de musas move fantasmas longínquos e torvos num João Minhoca decaído em velhos plágios façanhudos" ⁴⁹.

Prosa cinematográfica O tempo requeria uma nova poesia e uma nova prosa, comensuradas ao cinema. Com razão observou Antonio Cândido, escrevendo sobre *Os Condenados*, que Oswald fôra o lançador da técnica cinematográfica em nosso romance, caracterizada pela "descontinuidade cênica", pela "tentativa de simultaneidade, que obcecou o modernismo e que, entre nós, teve no sr. Mário de Andrade o seu teórico (*A Escrava que não é Isaura*) e um dos

48) Tradução de Oliveira Bastos, Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, 17-11-57.

49) "Reforma Literária", artigo publicado no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 19-5-1921 (*apud* Mário da Silva Brito, *ob. cit.* na nota 6, pág. 178).

seus poetas”⁵⁰. Esta técnica é uma constante na obra de Oswald. Do *Marco Zero* diria Roger Bastide que sua construção obedece a uma “ordem simultaneísta”, sorte de “romance espacial”⁵¹. No *Um Homem sem Profissão*, livro de memórias reais publicado em 1954, ela invade a narrativa e, a partir das últimas páginas, inspiradas num diário de *garçonnière*, lhe devolve o ritmo acelerado e a expressão por abreviaturas mordazes do Oswald da década de 20, das *Memórias de Miramar* e da *Folhinha Conjugal* de Serafim. O par *Miramar/Serafim*, longe de ser um hiato nessa técnica, é, a nosso ver, sua extensão mais consequente e estéticamente realizada, mesmo porque desembaraçada dos percalços da miragem de monumentalidade, da teima da obra cíclica, à qual nunca se acomodou muito bem o espírito sintético de Oswald. Uma vez que a idéia de uma técnica cinematográfica envolve necessariamente a de montagem de fragmentos, a prosa experimental do Oswald dos anos 20, com a sua sistemática ruptura do discursivo, com a sua estrutura fraseológica sincopada e facetada em planos díspares, que se cortam e se confrontam, se interpenetram e se desdobram, não numa seqüência linear, mas como partes móveis de um grande ideograma crítico-satírico do estado social e mental de São Paulo nas primeiras décadas do século, esta prosa participa intimamente da sintaxe analógica do cinema, pelo menos de um cinema entendido à maneira eisensteiniana.

50) Antonio Cândido, *ob. cit.* na nota 8, pág. 15. No *Escrava*, de 1924, ensaio de estética modernista dedicado a Oswald de Andrade, Mário prefere falar em “polifonia poética” para exprimir a simultaneidade. Aliás, a correlação já está nos Manifestos Futuristas: recorde-se o primeiro item do Manifesto da Pintura Futurista, transscrito páginas atrás.

51) Roger Bastide, “Notas de Leitura — Marco Zero”, crítica publicada por ocasião do lançamento do livro, em *O Estado de São Paulo* (25-11-43).

Eisenstein, como se sabe, depois de um encontro com Joyce em 1930, quis filmar o *Ulysses*, que lhe parecia feito sob medida para a aplicação de sua teoria da montagem, concebida como uma sucessão de imagens fragmentárias ordenadas, de cuja seqüência ou colisão emergiria uma nova imagem maior do que as imagens separadas ou diferente delas⁵². Harry Levin chega a escrever: “Na sua estrutura interna e na sua continuidade, o *Ulysses* tem mais em comum com o cinema do que com outros romances. O movimento do estilo de Joyce, o pensamento dos seus personagens são como a projeção de uma película; seu método de composição, o ordenamento de sua matéria-prima envolvem esta operação fundamental que se denomina *montagem*”⁵³. Eis aqui mais uma perspectiva para a aproximação Oswald de Andrade/James Joyce.

Estética do fragmentário Se quisermos remontar às raízes, veremos que o fragmentarismo da prosa oswaldiana (sobretudo do *Miramar* e do *Serafim* e culminando nêles), assinalado por mais de um crítico, não é outra coisa senão a introdução e a projeção em nosso romance da *estética do fragmentário*, que Hugo Friedrich vai identificar já na poesia e na prosa do último Mallarmé⁵⁴. À prosa das *Divagations* (1897), Friedrich chama de “eine kontrapunktische Prosa” e, em geral, do instrumento estilístico do Mallarmé dessa última fase diz que se caracteriza pela “destruição da frase em fragmentos”, pela “descontinuidade em lugar da ligação”, pela “justaposição em lugar da sintaxe de construção habitual”,

52) Ver a propósito Robert S. Ryf, “Joyce’s Visual Imagination”, em *A New Approach to Joyce*, University of California Press, 1962, págs. 171/190.

53) Harry Levin, *ob. cit.* na nota 21, pág. 88.

54) Hugo Friedrich, *Die Struktur der Modernen Lyrik*, Rowohlt, Hamburgo, 1956, págs. 88/89.

sinais todos êsses “de uma descontinuidade interior, de uma linguagem nas fronteiras do impossível”. A frase de Mallarmé sobre a página branca na qual se dispersam as palavras do poema e que, quando confrontada pela “transparência do olhar adequado”, se divide, assim como também essa mirada perscrutadora, em “fragmentos de candor, provas nupciais da Idéia”, é, para Hugo Friedich, “um postulado fundamental da Estética moderna”. A *crise de vers* de Mallarmé acusava, no fundo, uma crise da linguagem lógico-discursiva para a poesia (e para aquela prosa cuja problemática dela se avizinha), num mundo sacudido pela Primeira Revolução Industrial e pelas novas realidades que ela engendra. Se lembarmos, agora, que Marinetti foi o primeiro tradutor italiano de Mallarmé, editando-lhe em 1916 um volume de *Versi e Prose*, compreenderemos, sem dificuldade, como se reintroduziram na vanguarda européia, a partir de 1909, através do futurismo, muitas das principais reivindicações mallarméanas⁵⁵.

Influência das artes plásticas As “subdivisões prismáticas da Idéia”, de Mallarmé, corresponderão talvez, no espírito do tempo, ao “impressionismo científico”, pontilhista, de um Seurat, cujas teorias pictóricas se inspiraram, em grande medida, num tratado coevó, de Michel-Eugène Chevreul, significativamente intitulado *De la loi du contraste simultané des couleurs* (Paris, 1839). Depois vieram o futurismo com seus planos dinâmicos, o

55) Embora não seja lícito extrair do fato ilações retroativas, a verdade é que, num dos cadernos do *Diário Confessional* (inédito) de Oswald, se encontram pistas do seu interesse pelo Mallarmé do poema-constelação *Un Coup de Dés* (1897), e dentro dum contexto bastante pertinente: 20-5-49 — “A geometria nova / na forma tipográfica do poema / Coup de Dés / Caligramas / Futurismo”. Os travessões procuram indicar a maneira como Oswald lançou na página — espacializada e entrecortadamente — a sua anotação crítica.

cubismo com seus planos estáticos, o orfismo com seus círculos contrastantes. Tôdas essas tendências e impulsos acabam desenhandando um contexto de convergências e divergências no qual também a literatura de vanguarda das primeiras décadas dêste século se abeberou e muito. É bem possível que a influência primordial na prosa de Oswald — um visual por excelência — seja ainda, para além da assimilação da teoria e da prática literária futurista, a transposição imediata de suas descobertas pictóricas nas exposições de Paris. Como explicar, de outra forma, o cubo-futurismo plástico-estilístico de tantos trechos do *Miramar* (por exemplo):

“Um cão ladrou à porta barbuda em mangas de camisa e uma lanterna bicor mostrou os iluminados na entrada da parede”;

“O cachorro deitado tinha duas caras com uma de esfinge e cabelos bebês”;

“Mas a calçada rodante de Pigalle levou-me sózinho por tapetes de luzes e de vozes ao mata-bicho decotado de um dancing com grogs cétinadas pernas na mistura de corpos e de globos e de gaitas com tambores”;

trechos onde as cláusulas se encontram e se interceptam como planos, os atributos saltam do engaste e deslizam de uma superfície semântica a outra, as imagens se seccionam como providas de arestas? Não é à toa que, na introdução do *Miramar*, o verboso Dr. Penumbra nos surpreende com uma atualizada informação de crítico de artes plásticas: “Há além disso, nesse livro nôvo, um sério trabalho em torno da “volta ao material” — tendência muito de nossa época como se pode ver no Salão de Outono em Paris”. Sintomático também que, no *Manifesto da Poesia Pau Brasil* (1924), Oswald nos trace uma evolução da esté-

tica moderna em termos sobretudo de artes visuais: “Duas fases: 1.^a, a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De Cézanne e Mallarmé, Rodin e Debussy até agora; 2.^a, o lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva”... “O trabalho contra o detalhe naturalista — pela *síntese*; contra a morbidez romântica — pelo *equilíbrio* geométrico e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*”... “Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua”... “Nossa época anuncia a volta ao *sentido puro*. Um quadro são linhas e côres. A estatuária são volumes sob a luz”... “Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. *Ver com olhos livres*”⁵⁶.

*Atualidade
do “Miramar”*

De tudo isto, resulta a importância fundamental para a nossa prosa criativa das *Memórias Sentimentais de João Miramar*,

escritas por Oswald de Andrade há já 4 décadas. Importância como atualização da nossa ficção em sintonia com as experiências da vanguarda européia, mas também como adequação pessoal e reelaboração dessas técnicas importadas sob critérios próprios, para a devida aferição de um contexto social de transição, uma realidade urbana em processo inicial de industrialização, mas ainda pesadamente vinculada, no plano cultural, aos cânones do passado, aos “mitos do bem dizer”, na frase de Mário da Silva Brito⁵⁷. Aqui caberia aludir, também, à tese da “congenialidade do modernismo brasileiro”, levantada por Antonio Cândido num trabalho de 1953⁵⁸, e que explicaria, por uma

56) Cf. nota 13.

57) *Ob. cit.* na nota 6, pág. 29.

58) Antonio Cândido, *Die Literatur als Ausdruck der Kultur im zeitgenössischen Brasilien*, Instituto Hans Staden, São Paulo, 1953, págs. 29/30.

afinidade de impulsos e solicitações, a natural receptividade do nosso meio às vanguardas literárias européias, num sentido muito diferente das antigas imitações. O que, por isso mesmo, — seria lícito acrescentar —, permitiu a criação de produtos acabados e dotados de autonomia estética e originalidade. Sobretudo, porém, importa dizer que esta prosa (como a do *Serafim Ponte Grande*, que é um *Miramar* reescrito com ainda mais inconformismo e irreverência), passados 40 anos, está viva e aberta, supera os possíveis “cacoetes” de escola, aponta rumos talvez insuspeitados para nossa literatura de imaginação. Imune ao psicologismo dos introspectivos abissais, afeta ao trato saudável e sólido das palavras, colada ao seu instrumento, ela, como raras outras entre nós, faz perimir o conceito de romance, de novela ou de conto, diante de uma nova idéia de *texto*.

NOTA SÔBRE O TEXTO

Na atualização ortográfica do texto, adotamos o critério de manter a grafia das palavras estrangeiras tal qual ocorre na primeira edição, mesmo quando se trate de palavras que, no curso dos últimos 40 anos, tenham sido assimiladas por nossa língua (como “shoot”, “chauffeur”, “bungalow”, por exemplo, que hoje se escrevem normalmente “chute”, “chofer”, “bangalô”). Pareceu-nos mais adequado êsse procedimento, a fim de que fôsse preservada a fisionomia original do texto e da época em que êle se inscreve, mesmo porque, muitas vêzes, o uso do estrangeirismo implicava uma situação sócio-econômica definida, de afetação cosmopolita e de aspirações elegantes, que se correria o risco de apagar ou amortecer no texto se o têrmo estrangeiro fôsse lexicalizado, com prejuízo para os objetivos satíricos da linguagem oswaldiana (lembre-se, por exemplo, que o *futebol*, hoje convertido em esporte de massa, era, então, *foot-ball*, desporto da alta sociedade, com seu jargão importado de palavras inglêsas: “kick”, “back”, “goal”, “foot-baller”, etc.). Fizemos, apenas, correções onde havia evidentes cochilos de grafia (a saber: “pocker”, “troly”, “tou-tou”, “baedecker”, onde se deveriam ler “poker”, “trolley”, “tutu”, “baedeker”, etc.). Quando o autor parece manifestar a intenção de integrar a palavra no português corrente, seguimos o seu desejo

(Oswald escreve “derrapage” em lugar de “dérapage”; assim, grafamos, atualizadamente, “derrapagem”). Estrangeirismos semi-aclimatados pelo autor, como “foot-bolares”, “pullmavam”, “affaristas”, foram transcritos literalmente. No mais, exceto a correção de alguns poucos erros tipográficos evidentes, respeitou-se fielmente o texto da edição de 1924, com tôdas as suas peculiaridades.

HAROLDO DE CAMPOS

MEMÓRIAS SENTIMENTAIS
DE JOÃO MIRAMAR

*Para
Tarsila do Amaral
e
Paulo Prado*

*Possa entanto
Acostumar ao vôo as novas asas,
Em que um dia vos leve*

O Uruguai de BASÍLIO DA GAMA

*E se achar que falo escuro não
mo tache, porque o tempo anda car-
regado; acenda uma candeia no en-
tendimento...*

Arte de Furtar

À guisa de prefácio

João Miramar abandona momentâneamente o periodismo para fazer a sua entrada de homem moderno na espinhosa carreira das letras. E apresenta-se como o produto improvisado e portanto imprevisto e quiçá chocante para muitos, de uma época insofismável de transição. Como os tanks, os aviões de bombardeio sobre as cidades encolhidas de pavor, os gases asfixiantes e as terríveis minas, o seu estilo e a sua personalidade nasceram das clarinadas caóticas da guerra.

Porque eu continuarei a chamar guerra a tôda esta época embaralhada de inéditos valôres e clangorosas ofensivas que nos legou o outro lado do Atlântico com as primeiras bombardas heróicas da tremenda conflagração europeia.

O glorioso tratado de Versalhes que pôs térmo à loucura nietzsiana dos guerreiros teutões, não foi senão um minuto de trégua numa hora de sangue. Depois dêle, assistimos ao derramamento orgânico de tôdas as convulsões sociais. Poincaré, Artur Bernardes, Lênine, Mussolini e Kemal Paxá ensaiam diretivas inéditas no código portentoso dos povos, perante a falênciâ idealista de Wilson e o último estertor rubro do sindicalismo. Quem poderia prever a Ruhr? Quem poderia prever o "pronunciamento" espanhol? E a queda de Lloyd George? E o telefone sem fio?

Torna-se lógico que o estilo dos escritores acompanhe a evolução emocional dos surtos humanos. Se no meu fôro interior, um velho sentimentalismo racial vibra ainda nas doces cordas alexandrinas de Bilac e Vicente de Carvalho, não posso deixar de reconhecer o direito sagrado das inovações, mesmo quando elas ameaçam espedaçar nas suas mãos hercúleas o ouro argamassado pela idade parnasiana. VAE VICTIS!

Esperemos com calma os frutos dessa nova revolução que nos apresenta pela primeira vez o estilo telegráfico e a metáfora lacinante. O Brasil, desde a idade trevosa das capitâncias, vive em estado de sítio. Somos feudais, somos fascistas, somos justiçadores. Época nenhuma da história foi mais propícia à nossa entrada no concerto das nações, pois que estamos na época do desconerto. O Brasil, país situado na América, continente donde partiram as sugestões mecânicas e coletivistas da modernidade literária e artística, é um país privilegiado e moderno. Nossa natureza como nossa bandeira, feita de glauco verde e de amarelo jalde, é propícia às violências maravilhosas da côr. Justo é pois que nossa arte também o queira ser.

Quanto à glótica de João Miramar, à parte alguns lamentáveis abusos, eu a aprovo sem, contudo, adotá-la nem aconselhá-la. Será êsse o Brasileiro do Século XXI? Foi como êle a justificou, ante minhas reticências críticas. O fato é que o trabalho de plasma de uma língua modernista nascida da mistura do português com as contribuições das outras línguas imigradas entre nós e contudo tendendo paradoxalmente para uma construção de simplicidade latina, não deixa de ser interessante e original. A uma coisa apenas oponho legítimos embargos — é à violação das regras comuns da pontuação. Isso resulta em lamentáveis confusões, apesar de, sem dúvida, fazer sentir “a grande forma da frase”, como diz Miramar *pro domo sua*.

“Memórias Sentimentais” — por que negá-lo? — é o quadro vivo de nossa máquina social que um novel romancista tenta escalpelar com a arrojada segurança dum profissional do subconsciente das camadas humanas.

Há, além disso, nesse livroônvo, um sério trabalho em torno da “volta ao material” — tendência muito de nossa época como se pode ver no Salão d’Outono, em Paris.

Pena é que os espíritos curtos e provincianos se vejam embaraçados no decifrar do estilo em que está escrito tão atilado quão mordaz ensaio satírico.

MACHADO PENUMBRA.

1. O PENSIEROSO

Jardim desencanto
O dever e procissões com pálios
E cônegos
Lá fora
E um circo vago e sem mistério
Urbanos apitando nas noites cheias
Mamãe chamava-me e conduzia-me para
dentro do oratório de mãos grudadas.

— O Anjo do Senhor anunciou à Maria que
estava para ser a mãe de Deus.

Vacilava o morrão do azeite bojudo em cima
do copo. Um manequim esquecido vermelhava.

— Senhor convosco, bendita sois entre as
mulheres, as mulheres não têm pernas, são como
o manequim de mamãe até em baixo. Para que
pernas nas mulheres, amém.

2. ÉDEN

A cidade de São Paulo na América do Sul não era um livro que tinha cara de bichos esquisitos e animais de história.

Apenas nas noites dos verões dos serões de grilos armavam campo aviatório com os berros do invencível São Bento as baratas tórvas da sala de jantar.

3. GARE DO INFINITO

Papai estava doente na cama e vinha um carro e um homem e o carro ficava esperando no jardim.

Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.

No desabar do jantar noturno a voz tôda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.

4. GATUNOS DE CRIANÇAS

O circo era um balão aceso com música e pastéis na entrada.

E funâmbulos cavalos palhaços desfiaram desarticulações risadas para meu trono de pau com gente em redor.

Gostei muito da terra da Goiabada e tive inveja da vontade de ter sido roubado pelos ciganos.

5. PERIGO DAS ARMAS

Entrei para a escola mista de D. Matilde.

Ela me deu um livro com cem figuras para contar a mamãe a história do rei Carlos Magno.

Roldão num combate espetou com um pau a gengiva aflita do Maneco que era filho da vendeda da esquina e mamãe botou no fogo a minha Durindana.

6. MARIA DA GLÓRIA

Preta pequenina do peso das cadeias. Cabelos brancos e um guarda-chuva.

O mecanismo das pernas sob a saia centenária desenrolava-se da casa lenta à escola pela manhã branca e de tarde azul.

Ia na frente bamboleando maleta pelas portas lampiões eu menino.

7. FELICIDADE

Napoleão que era um grande guerreiro que Maria da Glória conheceu em Pernambuco disse que o dia mais feliz da vida dêle foi o dia em que eu fiz a minha primeira comunhão.

8. FRAQUE DO ATEU

Saí de D. Matilde porque marmanjo não podia continuar na classe com meninas.

Matricularam-me na escola modelo das tiras de quadros nas paredes alvas escadarias e um cheiro de limpeza.

Professora magrinha e recreio alegre começou a aula da tarde um bigode de arame espertado no grande professor Seu Carvalho.

No silêncio tic tac da sala de jantar informei mamãe que não havia Deus porque Deus era a natureza.

Nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o Inferno.

9. BOLACHA MARIA

Passava os dias na sala violeta de Monsieur Violet. Ele nunca abria a janela da rua mas eram quatro horas por causa de uma escola da vizinhança que os meninos passavam conversando e jogando tostão e bolinha.

Lá dentro uma máquina de costura saía da gare.

Amanhecia na saleta abandonada pelo mestre.

Era Madô de meias baixas saias curtas e pela mão vacilante nos palmitos o último rebento dos Violet. Ficava sorrindo pesquisando meus livros desenhos mapas do secreto Mundo.

O guri despegava a mãozinha do braço distraído e fazia a volta científica da poltrona e gritava cabelos amostras.

Ela era um jôrro das mangas rendadas das pernas louras abertas.

Iam-se numa procissão de passos. Longe a máquina voltava à plataforma quieta da costura.

10. DERRAPAGEM

Não disse nada do que queria dizer a Madô.

Um dia surpreço entrei num ajuntamento junto à casa porque o professor tinha ficado defunto carteiro e havia um pobre caixão na sala de velas.

A viúva envelhecida era um peito de tábuas. E num canto Madô chorava o destino das Madalenas.

11. COLÉGIO

Malta escabriavam salas brancas e corredores perfeitos com barulhento fumoir na aula de desenho de Seu Peixotinho.

O diretor vermelho saía do solo atrás da barriga e da batina.

E com modos autoritários simpatizou cínico comigo o ruivo José Chelinini.

12. CIDADE DE RIMBAUD

Mamãe queria que eu fôsse o melhor dos alunos mas na abertura esplanada onde os outros bolavam caía vida do tinir das forjas e dos bondes no recorte de apitos e pregões.

A campainha era um badalo de sonoridades.

A grita meridiana estourava bola de sabão na queda entre os goals dum último kick de altura.

E recolhiam-se os retardatários às filas formadas para eu deixar de escutar a cidade última atrás da carranca em andor dos vigilantes.

13. MUDANÇA

Na casa de tia Gabriela havia o espaço de meus livros num sofá fronteiro para mamãe me olhar.

A família parenta chegou de noite da Fazenda Nova-Lombardia com a governante implicante e o sistema Kneipp nos pés das primas jambos. Criados e criadas negrinhas e uma manteiga diferente.

14. UM PRIMO

Mamãe conversava muito com tia Gabriela porque elas eram viúvas. E o Pantico inquietava minha tranqüilidade com anos menos e carrinhos feitos para descidas ladeiras amigo íntimo do copeiro arranjador de almanaques nas farmácias.

15. CONSELHOS

No quarto de dormir ralhos queridos não queriam que eu andasse com meu primo. Pantico não tivera educação desde criança e por isso amava vagamundear. Que diriam as famílias de nossas relações que me vissem em molecagens gritantes ou com servos? Só elas é que devíamos freqüentar.

Eu achava abomináveis as famílias das nossas relações.

16. BUTANTĀ

Prima Nair que estava interna com as irmãs bochechudas Célia e Cotita noutro colégio mandou uma carta ao Pantico dizendo assim:

“Já sabes que estou na classe amarante?

As meninas aqui não são tão maliciosas como no internato de Miss Piss. Mas... nunca vi que espírito civilizado elas têm. Pois como elas não têm moços para namorar elas namoram-se entre si. Tôdas têm um namorado como elas dizem e é uma outra menina: uma faz o môço e outra a môça.

E quando elas se encontram, se beijam como noivos. Por mais que não se queira ficar como elas, inconscientemente fica-se. As meninas de agora não são como as de outro tempo. Logo nascerão sabendo. Uma de seis anos não é inocente; já têm desde pequenas aquêles olharezinhos que mais tarde servirá para a malícia.

Eu só comecei saber a vida aos dez anos. Hoje em dia com sete já se sabe tudo!”.

17. POR EXEMPLO

José Chelinini punha rabos-levas em minhas teorias maternais.

Era um perdido, mas comprava aos quilos a apologética dos colegas. Filho de cereais varejos, tilintantava moedas no tonel dos bolsos e mingaudos brotos de aristocracias tinham-lhe seráficos silêncios para cacholetas aporreantes.

O Pita, primeiro da classe, fonava-lhe as lições de latim e de inglês.

E à saída, juntavam-se narizes pernaltas com livros, face à carrocinha metálica esperando-o no beco de sorvetes.

18. INFORMAÇÕES

Gustavo Dalbert numa noite de cabelo e cigarro disse-me que a arte era tudo mas a vida nada. Ele era músico e ia morar em Paris comigo, o amigo e jovem poeta João Miramar.

Havia um outro artista na vizinhança, o Bandeirinha barítono e outros poetas na cidade.

19. BICICLETA DE ONÁ

De Águas Enxutas, por sob galhos quituteiros de tias longes, o Pantico desterrado em férias, escreveu-me:

“Já mandei duas cartas para mamãe pensando que elas chegaram quanto antes mas até hoje não chegaram.

Estou aqui sem nenhum divertimento. O rio é muito perigoso e pequeno. E também não tem meninos. Passo os dias que nem na fazenda que não tinha nada para fazer senão vícios. Vou fazer como lá se mamãe não quiser mandar a bicicleta que já estou pedindo”.

20. RUMO SENSACIONAL

Fomos devolvidos aos maços de dois e três pelo portão colegial onde vínhamos de ter a última aula de tantos anos.

Poeta e misantropo Seu Madureira fizera-nos um adeus de discurso. Partíamos na direção da vida — estrada onde havíamos de encontrar muitas vezes abismos recobertos de flôres.

Calados num ângulo do Triângulo separamo-nos com um abraço de José Chelinini que ia para o comércio.

21. CLAQUE

O pano escuro enquadrava a bôca do céu por onde lá em baixo Gisella Doni cantaria a Princesa dos Dollars e os habitués do galinheiro sentavam-se ao nosso lado.

Iam chegando músicos e primeiras caras desocupadas punham-se nos furos da platéia. Eu desejava secretamente Gisella.

Degraus enchiam confusas escadas de flauta e rabecadas de afinação. A platéia formava público para o meu amor.

E quando camarotes palmas e frisas puxavam a casaca do maestro, num silêncio a partitura lançava a batuta bulhentamente.

22. MAÇONARIA

Avessos aos favores da cidade íamos perna aqui perna ali eu e Dalbert de sorte excepcional.

Ruas quartos a chave bar desertos vibrações revoltas adultérios ênfases.

A estacada foi num casarão azul em vol-plané sobre o val-de-lírios inculto do Anhangabaú.

A coroa do Teatro Municipal punha patetismos prêtos no vermelho das auroras noturnas.

O João Jordão que não era artista nem nada aparecia magro e uma tarde arranjou o subsídio governamental para estudar pintura em Paris.

23. QUIROMANCIA

O Bandeira barítono lia Belmiro Braga e baldava esperanças de entrar para a diplomacia como diplomata. Fazia-se vaticínios perante o pai de calva gramática.

E mostrava-nos versos dizendo-se partidário da poesia vagabunda mas cheia de alma. Tinha ido passar uma semana gigolette na pensão da Georgina em Santos.

Deixávamo-lo pela noite de desoras e partíamos cear em Nápoles com pizzas escarradas de tomate e queijo e um vinho recém-vindo pelo noturno de Caserta.

Abria guignol de sonho realejo rítmico rebentador de valsas ao ar estrelado,

Depois, de cima, pensão de artistas, caíam pingos profundos de Chopin na comida.

24. GUILHOTINA

Comboiado pelos nervos críticos do Dr. Limão Bravo fui impelido na carretilha de cenários perante o coração de Gisella.

As barbas alemãs de um médico beijavam cérimoniosas mãos de atrizes. Mangas de camisas e bombeiros com pedaços de floresta impressionista rolavam ordens do céu como de praias verticais.

Ela jogou seu enderêço como um níquel à minha gravata declaração de amor.

25. AMIGO DA FAMÍLIA

Morava em cinco andares Rua de São Bento. Eu levava-lhe por noites paralelas um colête de veludo rapapé com jornais melados.

E minha mãe coberta de beijos deixou que eu fôsse ver em Santos o mar dos embarques.

Que nem alma danada vi descer o primeiro Natal longe de casa na consolação duma dedicatória com fotografia. E a despedida esfacelou-se num corredor escuro de cabinas.

26. ALEXANDRE
O GRANDE

Dalbert de subsídio e trombone ia partir para a conquista da Europa.

Descemos de cigarro vagaroso pelos círculos da cidade pelas cruzes dos bars em tête-à-tête com o futuro.

Vi-o entre um italiano e uma casquette loura no intervalo dos guindastes negros do cais que agitavam braços de despedida.

27. FÉRIAS

Dezembro deu à luz das salas enceradas de tia Gabriela as três môças primas de óculos bem falados.

Pantico norte-americava.

E minha mãe entre médicos num leito de crise decidiu meu apressado conhecimento viajeiro do mundo.

28. PÔRTO SAÍDO

Barracões de zinco das docas retas no sol pregaram-me como um rótulo no bulício de carregadores e curiosos pois o Marta largaria só noite tropical.

A tarde mergulhava de altura na palidez canalizada por trampolins de colinas e um forte velho. E brutos carregavam o navio sob sacos em fila.

Marinheiros dos porões fecharam os mastros guindastes e calmos oficiais lembrando ombros retardatários.

A barriga têsa da escada exteriorizou os lenços visitantes para ficar suspensa ao longo dos marrujos louros.

Grupos apinharam o cais parado.

29. MANHÃ NO RIO

O furo do ambiente calmo da cabina cosmomaravilhava pedaços de distância no litoral.

O Pão de Açúcar era um teorema geométrico.

Passageiros tombadilhavam o êxtase oficial da cidade encravada de crateras.

O Marta ia cortar a Ilha Fiscal porque era um cromo branco mas piratas atracaram-no para carga e descarga.

30. CABOTAGEM

No dia seguinte e outros o litoral do Brasil olhou calvas serranias patriotas.

À mesa quebravam-se toilettes com sons de côres e caras de fanfarra e pressas de criados.

Uma italiana de olhos imóveis chupou-me como um grog. Chamava-se Madame de Sevri.

A cara bexigosa de um argentino de óculos equilibrava em minha mesa os bigodes chilenos dum universitário dos Andes.

As senhoras grávidas engordavam em exíguas gaiolas no tombadilho. E antes pelo contrá-

rio, Mademoiselle Sarah era magra e virginal e cacarejava à noite no salão acompanhada ao piano por um espadachim admirativo.

31. PRIMEIRAS LATITUDES

A costa brasileira depois de um pulo de farol sumiu como um peixe. O mar era um oleado azul. O sol afogado queimava arranha-céus de nuvens.

Dois pontos sujaram o horizonte fiscando longínquos bons dias sem fio.

Os olhos hipócritas dos viajantes andavam longe dos livros — agora polichinelos sentados nas cadeiras vazias.

As antenas ruivas do capitão do Marta sondavam naufrágios nos rochedos de Madame de Sevri.

À noite no jardim d'inverno havia festas do Pocinho em torno do dedicado e gordo médico de bordo.

Um cônsul do Kaiser em Buenos Aires viajava como uma congregação.

E até horas compridas quando os grumetes traziam o mar em baldes para cima da mesa de

jôgo, as rugas dum inglês tour du monde minuciosamente bebiam.

32. ROLAH

Uma bola de vidrilhos rodava atrás de uma cabeça loura. A bola dava gritos e chamava-se Madama Rocambola.

Entravam às oito infalíveis horas fazer na sala do pequeno almôço proveitosa degustação. E Rolah trazia ao meu céu de cinema um destino invencível de letra de câmbio.

33. VELEIRO

A tarde tardava, estendia-se nas cadeiras, ocultava-se no tombadilho quieto, cucava té uma escala de piano acordar o navio.

Madama Rocambola mulatava um maxixe no dancing do mar.

Esquecia-me olhando o céu e a estréla diurna que vinha me contar salgada do banho como es-

tudara num colégio interno. Recordava-me dos noivados dormitórios das primas.

Uma tarde beijei-a na língua.

34. TENERIFE

Apitos na cabina estranha estoparam o Marta na madrugada.

No cosmorama do leito duas linhas de luzes marcavam a flutuação de Santa Cruz de Tenerife. A terra depois de dez dias tinha negros comovais humanos.

Binóculos sintetizaram a cidade dormindo para nossa pressa. Sons lestos de campainha ancoraram o navio noturno.

As rugas do inglês passaram e a coberta repontou de cabeças catalogadas.

A ilha saía inteira da manhã saída do mar. E sobre a cidade dado montes montaram.

35. TERRA FIRME

A vida de bordo pôs rouge para proximidades de Barcelona.

Adivinhado na neblina o rochedo de Gibraltar deu para os binóculos mediterrâneos as primeiras costas da Europa.

E a sombra de Montjuich com luzes marcou a noite em que Madama de Sevri teve rasgões no jardim de batiste.

Levei nossa despedida para uma ceia de calamares por pequenas ruas com grandes casas estreitas e tortas dando dorso à rambla rindo de casquette e chales.

36. HOTEL DE RUSSIE

Enfarruscamento viário para primeiro grupo e outros de casas gris que o trem desprezava com arvoredo e letras reclamativas sentinelando a linha.

Pontas alcançadas, a gare subterrânea d'Orsay presenteou-me Dalbert séco como um chicote de polainas.

A pachorra das ruas molhadas beirou num táxi beiras sem fôlhas do Sena té populosas construções.

E tardes seguiram arcos da Rue de Rivoli com Joanas Darc em áureos potros impávidos para a

espada longe da Tôrre Eiffel na panóplia de goles.

37. A MADÔ DO COMÊÇO

Era filha puberdada do dono do restaurante de olhos azuis.

As pátrias longínquas cresciam no inverno da sala como legumes tardios. E o escuro da escada subia quedas ao sétimo andar.

Sonhamos um livro de viagens.

38. PARALELAMENTE

Dalbert sabia pedir goudron-citron nos bars com aventuras midinettes. Passara leito para causa diversa e fugas de expansões pianais e cachimbos sózinhos. Carlosgomava cinco atos sucos d'“O rapto das Sabinas”.

E tinha rendez-vous com Sarah Bernhardt nas horas bemóis do Luxemburgo.

39. CERVEJA

Empalada na límpida manhã a Alemanha era
uma litografia gutural quando os corações meu e
de Madô desceram malas em München.

Paredes enormes davam comida a portais gó-
ticos. Um príncipe de Baviera chegou para as
calçadas perfiladas e gordas hurrarem a carrua-
gem que entrou no povo por mitrados cavalos só-
lidos.

E um bardo garganteou entre bocks na fu-
maça sonora de valquírias.

40. COSTELETA MILANESA

Mas na limpidez da manhã mendiga corna-
musas vieram sob janelas de grandes sobrados.

Milão estendia os Alpes imóveis no orvalho.

41. VATICANO

Raffaello Sanzio d'Urbino

Ventania

Muitos lençóis
E rabanadas esportivas de profetas
Bento que Bento
Frades no Pincio
Na bôca do forno
Fornarina
— Faremos todos com muito desgôsto o que
seu mestre mandar
— Cada qual pinte assim que nem Raffaello.
E a ventania pegou nos Berninis empetecados
para o assombro educado das manadas Cook.
— It is very beautiful!
Mas São Francisco não acreditaria nas transfigurações bem desenhadas.

42. SORRENTO

Velhas velas cigarras
Brumais no mar vesuviano
Com jardins lagartixos e douradas mulheres
Entre muros de uvas aléias
De fartos pomares
Insetos piedigrottas
Roendo caixas de fósforo

Trigonometrias brancas
No crepe azul de água napolitana

Longe cidade sesta quieta
Entre écharpes tiradas de costas
Ponteando cinzas índigos de montes

Um inglês velho dormia da bôca aberta como uma bôca enegrecida de túnel sob óculos civilizados.

O Vesúvio esperava ordens eruptivas de Thomas Cook & Son.

E uma mulher de amarelo informava a um esportivo em camisa que o casamento é um contrato indissolúvel.

43. VENEZA

Descuidosas coisas novas pingaram dias felizes na cidade diferente dos doges.

Descidos da janela do hotel o estrangulamento de palácios minava sob relógio de vidro negro com horas áureas na direção da praça bizantina.

O campanile cercado de pombas era um fuso brônzeo bá-om!

Pequenas ruas ostentavam durante o dia um comércio completo de cidade visitada com serenatas noturnas.

Cristais jóias couros lavrados marfins caíam com xales italianos de côres vivas nos canais de água suja.

Gondolamos graciosamente na Ponte de Rialto e suspiramos na outra.

Mas São Marcos era uma luz elétrica noturna de banho turco num disparate de mundiais elegâncias aviadoras rodeando concertos servidos com sorvetes.

44. MONT-CENIS

O alpinista
de alpenstock
desceu
nos Alpes

45. AIX

Albornoz e cafetãs de pele cúprica turcavam no expresso internacional guardanapando suores velhos.

O lago gilet monoculava para o sol entre litografias convexas.

Montanhas espetavam têtas para a sêde azul do céu.

Casas punham pierrots na estrada quando de repente a gare chata dos banhos manifestou catálogos coloridos de Riviera no cimento de campainhas.

46. ANGLOMANIA

Tomamos board-house francesa em Albany Street não longe do Hyde Park.

Durante o dia almoçávamos a cidade visitando entre jardins múmias do British Museum.

Chegava a noite pontual e policemen corriam pesados estores do céu para alexandrinais poetas compatriotas percorrerem de tube o famoso astro da metrópole côr de cinza.

Fechávamos-lhe a porta à cara branca e alugávamos com Musset e Murger aconchego de rendas em cortinas insones.

47. SOHO SQUARE

Picadilly fazia fluxo e refluxo de chapéus altos e corredores levando inglêses duros para música e talheres de portas móveis e portas imóveis.

Elevadores klaxons cabs tubes caíam de avião na plataforma preta de Trafalgar.

Mas nosso quarteirão agora grupava nas calçadas casquettes heterogêneas penetrando sem nariz no whisky dos bars.

Bicicletas levantavam coxas velhas de girls para napolitanos vindos da Austrália. E Isadora Duncan helenizava operetas no Hipódromo.

48. CHUVA DE PEDRA

Estiadas amáveis iluminavam instantes de céus sobre ruas molhadas de pipilos nos arbustos dos squares. Mas a abóbada de garoa desabava os quarteirões.

E um dia o dinheiro chegou demais dentro dum telegrama com resposta paga de minha rápida volta.

49. PAS DE CALAIS

Pequeno vapor que nos empurrou de Dover
sobre rodas contínuas no meio da noite.

O tombadilho encapotava-se de sombras mas
como perdêssemos as luzes inglesas achamos as lu-
zes de França no mar.

50. ADEUS E JAZZ BAND

A voz das filhas pródigas gritou para novos
personagens que era Madô na Butte.

Um cão ladrou à porta barbuda em mangas
de camisa e uma lanterna bicor mostrou os ilu-
minados na entrada da parede.

O cachorro deitado tinha duas caras com uma
de esfinge e cabelos bebês.

Mas a calçada rodante de Pigalle levou-me
sózinho por tapetes de luzes e de vozes ao mata-
-bicho decotado de um dancing com grogs cetina-
-das pernas na mistura de corpos e de globos e
de gaitas com tambores.

E na extensão armada barracas boulevardaram com brincos populares na festa dos quatro cantos semanais da cidade celebrante e noturna da feira de música mecânica. Matemáticos garupas midinettes de pernas ao léu sobre peixes circulares num oceano aéreo de gaitas.

Bárbaros engenhos roucos punham e repunham filhas de atelier em derrapagens tour de France com mantegueiras chocalhando famílias.

Rodas verticalavam algazarra de chapéus.

Gritos desnataados, mergulhos no mar do céu, índios adiante. Paradas casavam Picasso, Satie e João Cocteau. Ciclistas decolavam como bonecos eternos.

Noite e sentido imediato de Quermesse com orquestras e pares páreos.

52. INDIFERENÇA

Montmartre
E os moinhos do frio
As escadas atiram almas ao jazz de pernas nuas

Meus olhos vão buscando lembranças
Como gravatas achadas

Nostalgias brasileiras

São môscas na sopa de meus itinerários

São Paulo de bondes amarelos

E romantismos sob árvores noctâmbulas

Os portos de meu país são bananas negras

Sob palmeiras

Os poetas de meu país são negros

Sob bananeiras

As bananeiras de meu país

São palmas calmas

Braços de abraços desterrados que assobiam

E saias engomadas

O ring das riquezas

Brutalidade jardim

Aclimatação

Rue de La Paix

Meus olhos vão buscando gravatas

Como lembranças achadas.

53. CALMARIA DES- CRITA POR HOMERO

Depois Almeria acordou a passagem do mar
nas colunas que estreitam a estreita entrada das
terras mediterrâneas.

Na África Ceuta sepulcrava ao luar.
E do outro lado a pedra anglo-rochosa fin-
cava a garra na Espanha.

54. LADEIRA DO MUNDO

Em Las Palmas ficaram entre barbas alpes-
tres e kodaks môças projetos ascensionais.

Nuvens encastelaram-se sôbre aventureiros
que demandavam São Paulo.

Dacar negrejou na pura perda de uns olhos
verdes que eram meu diário de bordo.

Padres polacos cantaram para as ondas ferrê-
tes enquanto partidas de xadrez explicavam a
eternidade.

E a terra natal espiou por um farol na noite
enfarada.

55. FIO DE LUZES

O vento batia a madrugada como um ma-
rido. Mas ela perscrutava o escuro teimoso.

Uma longe claridade borrou a esquerda na evidência lenta de uma linha longa.

56. ÓRFÃO

O céu jogava tinas de água sobre o noturno que me devolvia a São Paulo.

O comboio brecou lento para as ruas molhadas, furou a gare suntuosa e me jogou nos óculos menineiros de um grupo negro.

Sentaram-me num automóvel de pêsames.

Longo soluço empurrou o corredor conhecido contra o peito magro de tia Gabriela no ritmo de luto que vestia a casa.

57. HINTERLAND

A Estação da Luz estacou na quinta manhã com embarques esportivos para disputas futebolares de côres vivas nos estádios rurais.

Matutos matutinos pullmavam civilizações.

E meus olhos morenos procuraram almoçar os olhos de prima Célia. A laparotomia da adolescência cortara-lhe rentes bochechas com próteses minúsculas de seios e maneiras de caça prêsa com cachos.

O mato despencava hangars viários e aleguais na linha.

58. NOVA-LOMBARDIA

Molhei sécas pestanas para o rincão corcunda que vira nascer meu pai.

A ponta vermelha da gare de Aradópolis era numa fita de coqueiros.

Fordes quilometraram açafrões de ocaso.

E a noite pichada empinou terreiros brasílicos por entre cafèzais e papagaios de estrélas.

59. FAR-WEST

Chapelões e revolvers de último modélo saíam mecânicamente das telas bulhentas e passeavam calmos nas ruas irrigadas do pó vermelho.

Tabeliães transmissões de papel tostado e sêlo
do império com grilos milionários a saibam
quantos.

Pontas contadas em porteiras frigorificavam
a alta por neo-companhias transatlânticas.

Pernas decepavam botas baitas.

Caboclos bailes retretas filas pokers com as-
sassinatos de calça cáqui para records de pontaria
humana na estrada.

E o sertão para lá eldoradava sempre e li-
berdades.

60. NAMÔRO

Vinham motivos como gafanhotos para eu e
Célia comermos amoras em moitas de bôcas.

Requeijões fartavam mesas de sequilhos.

Destinos calmos como vacas quietavam nos
campos de sol parado. A vida ia lenta como poen-
tes e queimadas.

Um matinal arranjo desenvolto de ligas mo-
renava coxas e cachos.

61. CASA DA
PATARROXA

A noite
O sapo o cachorro o galo e o grilo
Triste tris-tris-tris-te
Uberaba aba-aba
Ataque e o relógio tac-tac
Saias gordas e cigarros

62. COMPROMETI-
MENTO

O Forde levou-nos para igreja e notário entre matos derrubados e a vasta promessa das primeiras culturas.

Jogaram-nos flôres como bênçãos e sinos tilintintaram.

A lua substituiu o sol na guarita do mundo mas o dia continuou tendo havido entre nós apenas uma separação precavida de bens.

63. IDIOTISMOS

Um crayon de um arquiteto de Paris que tínhamos visto antes do casamento dera-nos a inveja desesperada de uma calma existência a dois, com pijama e abat-jours, sob a guarda dos antigos deuses do home.

Iríamos em tournée à Europa. E pela tarde lilás do Bois, ela guiaria a nossa Packard 120 H. P. Sairíamos nas férias pelos caminhos sem mata-burros nem mamangavas nem taturanas e faríamos caridade e ouviríamos a missa dos bons curas nas catedrais da Média Idade. E prosseguiríamos por hotéis e hotéis, olhos nos olhos etc.

Na rentrée, falar-nos-ia à noite a voz telepática da radiola do foyer. Ou penetraríamos nos dancings afim de fox-trotar com sanfona e champagne.

64. MELOSOS LUNÁTICOS

Noitava o terraço de vista vasta para carreiros dos cafèzais em esquadrão e pastos cercados com estrélas. Porteiras batiam pá! longínquos por todo o Brasil. E havia desconjuntamentos de

trollys nacionais chegando de caminhos vermelhos por mato perfumado.

Lágrimas anacrônicas de minha sogra evocavam o marido ou o Pantico agora tardiamente transferido a europeus internatos comerciaturos.

Eu e Célia fugíamos corpos voluptuosos com catadupa retida de sentimento para a sala de jantar fazendeira. Mas Cotita e Nair nos vinham dizer banalidades.

Barricadávamo-nos então no quarto paoi intransponível da pólvora de nossos corações.

E preferimos até ficar sós na casa de São Paulo reaberto deixando tia Gabriela e cunhadas inúteis transatlanticarem atrás do Pantico.

65. O FORA

Acompanharam-nos até a gare sinfônica da Luz pressurosos abraços e repetidas boas viagens da gente bas-bleu do Britinho com mais o soturno médico de Pindobaville dr. Pepe Esborracha e primos longínquos do Instituto Histórico entre os quais a agigantada figura moral do dr. Pôncio Pilatos da Glória.

Em Santos zarpamos o Almanzorra da Royal Mail onde deixaríamos em primeira escala pros-

seguir rota por cabina de luxo fazendeiral a troupe doméstica amputada de mim e Célia esperançosos no Rio de novas luas melarem para sempre nossos destinos entrelaçados como cipós.

66. BOTAFOGO ETC.

Beiramarávamos em auto pelo espelho de aluguel arborizado das avenidas marinhas sem sol.

Losangos ténues de ouro bandeiranacionalizavam o verde dos montes interiores.

No outro lado azul da baía a Serra dos Órgãos serrava.

Barcos. E o passado voltava na brisa de baforadas gostosas. Rolah ia vinha derrapava entrava em túneis.

Copacabana era um veludo arrepiado na lúmiosa noite varada pelas frestas da cidade.

67. INSTITUTO DE DAMASCO

Célia achava que eu devia ter uma vocação nobilitante. Eu não tinha nenhuma. Pensava

vagamente em entrar para um club de box depois de ter sido minha compleição elogiada por um entraîneur da Rua do Catete.

Célia não se sensibilizava ante meus ractores de possibilidades hercúleas entre pesos trampolins argolas. Retorquia mesmo que não achava isso digno de um fazendeiro. Eu era apenas um fazendeiro matrimonial.

A barbicha investigadora do dr. Pilatos veio trazer-nos a visita esquecida de São Paulo com ohs e ahs e caspa no fraque de gola. E propôs que deixássemos o Rio aborrecido e paisajal.

Célia fartou-se com anúncios de emprêsas a cabo levadas pelos seus colegas de team perspicaz no Instituto Histórico e Geográfico.

— Pena que seu marido, tão talentoso e jovem, não seja dos nossos, oh! ah!

68. RESSURREIÇÃO DO PANTICO

“Querido primo
Há tempo que não te vejo e tu nem me escreves!

Aqui êste ano não entrou muitos bichos comigo. Só dão caxuleta nos pequenos. Mamãe e

as manas chegou boas. Vou na corrida de cavalos. Aqui neste colégio não tenho nenhum amigos, é só crilas. Já sei escrever a língua francesa como a Portuguêsa e a Inglêsa. Os Estados Unidos é cotuba. All right. Knock Out! I and my sisters speak french. Moi et ma soer nos savons paletre bien le Français. Eu e minha erman sabemos falal o francês.

Escreva depressa

Teu amigo que te estima”

69. ETNOLOGIA

Eu pendia mais para bilhares centrais que para pesquisas científicas. Era dono de casa com safras longínquas livros quadros criados e a senhora grávida.

Mas aquela noite fui introduzido no enceramento abobadal e branco do Instituto de cadeiras ouvindo mesa oblonga onde meridianos comemoravam fastos fictícios.

Eloquêntes citações diziam sábios lábios trêmulos de môço em nervos.

— Mil outros trechos de mil outros escritores convencer-vos-ão, senhores, que o mundo de

hoje anda não só pior que o mundo debochado de Péricles e Aspásia, mas pior que o mundo ignaro do Medioevo trevoso e pior até que o mundo das utopias científicas e revolucionárias da Revolução Francesa! Nessas intermitências de progresso e regresso, círculos de princípios que formam a base de novas babéis, novas confusões de línguas e novos rebanhos voltando a velhos apriscos, só uma lição nos assoberba, a lição severa da História!

70. RODINHA

Além do orador ilustre escritor Machado Penumbra que foi muitíssimo cumprimentado, conheci nessa noite o fino poeta Sr. Fíleas de muita cultura e convidei-os para casa porque tinham talento.

Nas noites iguais em que Célia expressionava a “*Prière d'une vierge*” e o fox-trot “*Salomé*” ao piano e servia bananinhas com café com leite, vinha também lento mazorro silencioso como se cavaasse uma mina futuro a dentro o dr. Pepe Esborracha.

“Meus amados filhos
Afetuosas saudações

Agradeço a confirmação da boa notícia sobre a alta. Seu Toniquinho do Trancoso Carvalho já tinha escrito de Santos.

Os restaurantes de Paris não prestam e têm galinha com pena. Fomos ouvir o célebre tenor Bonsi na ópera do Fausto. Que beleza!

O Sr. Chelinini que disse que conhece meu genro do colégio tem nos visitado no hotel. Aqui a vida não está barata e o câmbio está horrível!

A Nair e a Cotita estão estudando piano na aula do Seu Philippe não sei de quê, que é uma celebridade. Já tocam até os clássicos! Brevemente serão apresentadas ao público.

Vamos tirar o retrato num retratista chamado Retelanger que nome esquisito! Foi o Sr. José Chelinini quem nos apresentou.

Passamos uma semana em Fontanablêao. É um segundo Brasil em beleza de natureza. O Sr. José Chelinini tirou-nos instantâneos com o sol baixando atrás de nós. Tem uma estrada muito boa para passeios tôdas as tardes.

N. B. Vi a Vênus de Milo. Tirei o Pântico do colégio porque um padre deu um tapa nêle.”

72. SOSSEGADAS CARAMBOLAS

O dr. Pilatos com ohs e ahs emitira a Célia entre duas bananinhas uma opinião a meu respeito.

— Seu marido, minha senhora, parece Telêmaco segundo o Fénelon na tradução portuguêsa em quem era de admirar tanta facúndia em tão verdes anos.

Como lisonjeada matrimonialmente ela insistisse por outra bananinha o sábio da Grécia entre um oh e um ah eruditou ser todo homem depois dos quarenta anos responsável pela sua fisiologia.

As Britinhas vizinhas fazendinhas traziam-nos sátiras à sociedade de sátiros de nossos dias.

Fíleas era um cosmético de sonetos.

E estando o tipo 7 a 22 fechamos com o Pancas gordo da Rua da Quitanda a compra de desejada William Six 40 H.P. com motor negro e chauffeur de aviação.

73. GARAGE E ESCRITÓRIO

A casa de Higienópolis sossegava preguiças tropicais por entre a basta erva do jardim aquin-

talado até outra rua com árvores e sol lembrando a longe Fontainebleau de minha sogra.

Célia era um circo.

Os amigos respeitabundos transferiam-se para o escritório de caricaturas paredais e poker na bolsenta Rua Quinze em sacada de cimento armado avistadora de Brases fabricantes.

As cotações de Santos chegavam pela campanha regular do fone assegurando a gasolina que por desfastio de cinco horas até o jantar eu asfaltava em primeira segunda terceira marcha-ré no aprendimento ajardinado de bungalows Rua Augusta abaixo.

O dr. Pepe Esborracha e o sábio Pilatos vinham fiéis e gulosos como estorvos para o jantar dos dias santificados de convite de Célia imprudentíssima.

Pelos sábados eu e o poeta Fíleas britanizávamos a semana em surtidas por caminhos pores de sol para lá de Santana.

Os domingos eram grávidos de sono.

74. SAL O MAY

Os cabarés de São Paulo são longínquos
Como virtudes

Automóveis

E o pisca-pisca inteligente das estradas

Um soldado só para policiar minha pátria inteira

E o gru-gru dos grilos grelam gaitas

E os sapos sapeiam sapas sopas

No alfabeto escuro dos brejos

Vogais

Lampiões lamparinas

E tu surges através de um fox-trot errado e
da lenda

Delenda linda Salomé

Ó dançarina cafajeste

Cheia de môscas ignorantes e de boas inten-
ções

A javá é uma polca porca com poeira azul

Mas o roxo arroxa a procissão de cortinas
côr de rosa

— Eu não ligo

— Eu quero saber que negócio é êsse de es-
perar com o revólver na estrada

— Aquêle capanga prêto mandou o braço e
a mulher levou um pontapé

— Na barriga

O saxofone obstina uma dor de dentes deli-
rantes

Que o maxixe espasma
Entre tiros e gorjetas
Mas o escapamento aberto escapa
Na noite penitenciária
— Senhor dai-nos o pão-de-ló iluminado da
redenção

O Tietê rola rumas de tijolos
Côr de água côr de rosa

75. NATAL

Minha sogra ficou avó.

76. CARTA ADMINISTRADORA

“Ilmo. Sr. Dr.
Cordeais saudações
Junto com esta um jacá de 15 frango que é
para a criancinha se não morrê.
Confirmo a minha de 11 próximo passado
que aqui vai tudo em ordem e a lavoura vai bem
já estou dando a segunda carpa.

Fiz contrato com os colonos espanhol que saiu da Fazenda Canadá assim mesmo perciso de alguma familhas a porca pintada deu cria sendo por tudo 9 leitão e o Migué Turco pediu demissão arrecolhi na ceva mais três capadete que já estão no ponto a turbina não está funcionando bem esta semana amanhã o Salim vem concertal.

O descascador ficou muito bom por aqui vão todos bom da mesma forma com a graça de Deus que com D. Célia fique restabelecido da convalescença é o que eu lhe desejo”.

77. MESES FAZENDEIROS

Céliazinha no colo da Maria portuguêsa abria primeiros olhos para a vaca da escada matinal e depois passo a passo para o pomar dos trópicos inchados.

Célia monotocava shimmys e Mozart no piano bandolim da sala de jantar entre as paisagens iguais das janelas.

E os dias ronronavam a máquina surda de café com o sustenido nostálgico da serraria araponga.

Colônia bodes botados hóspedes rústicos na manhã.

Meios porcos invadindo telhas vãs de cozinha com jabuticabas e gatos esfomeados.

Siás donas c lentidões de negros.

Italianos de pé no chon e santuários empetcados e milagrosos.

E homens e mulheres a pé e a cavalo nas estradas enferrujadas pelo sol lavrador.

78. A SABIDA

“Querida Célia

Estou com muitas saudades de vocês e da pátria.

Aqui foi um frege outro dia por causa do “tal” Sr. José Chelinini. A sapeca da Cotita, depois que nós tiramos cada uma uma fotografia com a mão apoiada numa coluna e a perna cruzada, mandou uma fotografia ao “tal” Sr. José Chelinini, escrevendo por detrás: Se não fôr sua, serei de Deus!

Mamãe fêz muito bem em pregar uns cocres nela porque o Sr. José Chelinini mostrou-lhe a fotografia com a dedicatória. Tudo isso é por

causa do cinema. Ela usa a bôca da Mae Murray e o cabelinho da Bebê Daniels.

Eu é que não me divirto nada nem vou a bai-les nem nada. Isto aqui está pau pra burro principalmente depois que o Pantico chegou. Os Estados Unidos e depois o colégio interno aqui deixou êle um bêsta quadrado. É um puaia! Vive ranzinando.

Mamãe agora pediu ao “tal” Sr. José Chelinini para comprar um automóvel para ela.

Ela já sabe falar “quelque chose”, “eau chaude” e “beaucoup d’argent”.

Com o coração naufragado num lago Leman de saudades um abraço muito apertado da irmã que muito lhe estima

Nair”

79. TERREMOTO

O Pantico estava na Bélgica em pleno perigo de ser fuzilado ou morrer de fome.

Mas depois de copos espumantes de leite eu acreditava de geografia aberta sobre a mesa que a situação dos alemães não era brilhante. Em vinte dias êles apenas tinham entrado em Bruxe-

las e tomado Liège, a cidade, conservando-se nas mãos dos heróis belgas a linha de fortes quase completa. E na fronteira intata da França deviam reunir-se com certeza nessa hora dois milhões de soldados.

Molestados pelo flanco em Antuérpia, sem poder esquecer o exército francês vitorioso na Alsácia e Lorena e a avalanche russa que ameaçava Thorn e Dantzig, era de prever-se o esmagamento dêsses bárbaros em algumas semanas. E se a Itália entrasse contra a Áustria nos primeiros dias de Setembro, como era certo, a guerra podia terminar por nocaute científico nesse mesmo mês.

80. RESULTADO DE PROFECIAS

Se não fôsse uma Hispano-Suiça tipo esporte e dentro o “tal” Sr. José Chelinini, minha sogra tinha corrido o risco de ser desrespeitada pelos dragões do Kaiser.

As notícias da guerra mutiladas como soldados em fuga chegavam dando a França como invadida e Paris ameaçada.

81. NOITE INSTITUTAL

“Esta guerra com o incêndio de Louvain e os que se lhe hão de acompanhar como clarões votivos e com a derrocada dos falsos valôres — democracia, semitismo, antimilitarismo — veio reivindicar afinal a grandeza trágica da terra!

L'univers c'est une immense poésie, la poésie de Dieu, disse o grande Lamennais!” Discursos Sul-americanos. Machado Penumbra.

82. TÁTICA

Os jornais noticiaram de repente que acossada pela conflagração achava-se em Pernambuco a bordo do Darro a jovem estréla cinematográfica Mlle Rolah.

Até ontem a ala esquerda dos aliados fazia recuarem quase que desordenadamente as tropas invasoras numa distância de 70 quilômetros enquanto Joffre Rolah e a ala direita formavam ângulo em Verdun com as tropas de leste cobrindo-as assim contra um envolvimento do Darro.

83. OUTRO TAPA

O Pantico tomado por espião foi espinafrado num café de Bruxelas.

84. A BALANÇA

Mas o dr. Pilatos confiara-me secretamente na travessinha alcoviteira dos corretores que estávamos à beira de um abismo econômico nacional.

— E desta vez é a bancarrota, meu amigo!

Mas o esganizado Mendes Mindela sócio águia de Trancoso Carvalho retrucara-me adiante que qual o quê — São Paulo era como um gato, caía de um quinto andar e saía miando.

Mas minha radiográfica sogra exigia repentinos mandados redobrados de dinheiro e chorava a sorte incerta do Pantico, envolvido como uma tainha nas malhas da segurança alemã invasora: “Me disseram que decerto vão segurar êle até os aliados pedirem a paz”.

85. DO REFÉM

“Minha querida irmã Célia
Desejo que esta vá lhe encontrar de boa saú-
de como todos daí.

Aquêle sujeito chamado Chelinini é um ban-
dido. Eu dizia sempre que êle não prestava e
mamãe zangava-se comigo.

Mamãe tinha automóvel eu queria andar e
o bandido não deixava. Um dia mamãe me pu-
xou as orelhas por causa dêle. Mamãe não é
nada, as intrigueiras da Nair e Cotita é que são
as culpadas.

Eu vou logo para o Brasil quando os alemães
deixarem. Já fui prêso duas vêzes. Depois eu
conto. A Alemanha vai ganhar nesta guerra.

N. B. Creio que matarei o bandido.”

86. CAMPOS DE BATALHA

D. Teresinha, velha roliça baixa e sossegada,
sorria muito com uma grande boneca ao lado, feia
loura de 14 anos que se chamava Bilu. O dr.
Pepe Esborracha quietava esquecido de cliente-

las e o dr. Pilatos endireitava o pince-nez arqueólogo.

Fora e longe do terraço noturno dos Bambus ia o recorte negro do horizonte na luz amarela do fim do céu.

E concordávamos todos em ser o Kaiser uma cavalgadura.

87. NEUTRALIDADE

Mas oficiais aliados partiam tôdas as manhãs e reservistas à noite pelas gares enervadas.

Em Santos, onde fui renovar o crédito da família com Trancoso Carvalho & Comp., vi no deserto diurno de água parada um navio alemão no cais, um navio inglês consertando-se adiante e para lá de grupos vagabundos das docas, um destroyer nacional formigando de marinhagem pequena.

88. JABUTICABAS

O dr. Pilatos ficou fulo porque o dr. Mandarim Pedroso, tesoureiro pé-pé do Banco Nordeste

de Engole-Marmanjos e presidente do Recreio Pingue-Pongue, dissera em palestra referidora de um genro seu a frase: — êsses incógnitos...

— Chamar de incógnitos! É um rapaz direito, tem o seu cobrezinho.

E continuou para mim com argumentos de paletó puxado durante a pesquisa de pomar:

— Eu já passei com um almôço por semana e cheguei à posição que cheguei. Sou um autodidata! E já fui citado pelo padre Berlangete da Universidade Católica de Beirute. Escrevi a biografia do patriarca Basílio 8 que foi torrado numa igreja por causa de Orígenes. Irei à Ravena estudar de perto o 5.^o século. As academias orientalistas abrir-me-ão as portas, oh! ah!

89. LITERATURA

Para Aradópolis, junto à fazenda Nova-Lombardia de recordações nupciais, fordei em primeira com o dr. Pilatos e meu querido Fíleas em excursão histórica e marcada conferência de Machado Penumbra convite do Grêmio Bandeirantes comemorador da malograda morte do conselheiro Zé Alves.

Auditório de fascistas sicilianos com professorado cow-boy no cine de zinco e palmas.

Ao longo da ribalta exígua o orador pôs frases alvíssimas nos bigodes prêtos.

E de lambuja grandiloquou o conferente destinos territoriais de São Paulo na expectativa do trem com colegiada despedidora e vivante.

— A plenitude cafeeira e pastoril de nosso Estado se distende nos assaltos ao hinterland que foge num último galopar de índios e de feras! A cada investida vitoriosa, os novos bandeirantes são a reencarnação estupenda da luta, a magnífica, a eterna ressurreição simbólica da Fôrça!

De chapéu no braço e gestos, Minão da Silva, meu agregado lombardo e jovem orgulho mulatal do grêmio, retrucou tomando a palavra pela ordem.

— Não preocupei as bancadas das escolas, meus senhores e ilustríssimas senhoras e crianças! Mas o conselheiro Zé Alves que o ilustre colega comemoramos, não morreu! Apenas desapareceu de nossa competência! O Grêmio Bandeirantes com 500 membros me mandou saudá-lo. Ele tem doutôres que não quiseram vim. Mas a norma do regulamento dos estatutos me mandou saudar. Desculpe os erros!

E o trem taratinchou saudades.

90. PARTICIPAÇÃO

“O Conde José Chelinini Della Robbia Grec-
ca e D. Gabriela Miguela da Cunha participam
a V. Excia. o seu casamento. Nice”.

91. FALA DO MUDO

Depois do jantar estupefato, a voz manhosa
do dr. Pepe Esborracha se ergueu, planou com
loopings. O Pantico fôra o único culpado, res-
ponsável e cúmplice. Esse tal Chelinini, muito
conhecido, era um piratão.

No achaparrado do corpo curvo, êle expôs o
que meu cunhado e primo devera fazer se solerte.

— Era acobertar a mãe pois sabemos quan-
to a mulher é frágil! Êle devia chegar e dizer:
estou aqui, minha progenitora adorada, sou eu!
E com o revólver na outra mão afastar o mis-
rável!

Mas Célia na rêde frim-from não queria rom-
permos porque mãe era mãe na geral aprovação
perdoadora dos hóspedes.

92. ESTELÁRIO

Coração esperançava esperançoso
Comêço claro da noite cidadina
Retalhos grandes de nuvens
E duas estrélas vivas
Trem rolava com minha estréla
Bordando a vida fabricadora
Do Brás à Luz
Rolah estrelava o Hotel Suíço

93. FÍLEAS E PÍLADES

Êle era o íntimo e falava-me da imortalidade da poesia e da mortalidade dos poetas inclusive êle mesmo. Tinha perdido no bicho e andava adoentado com abusões e terrores mas escutava-me de orelha compassiva achando que todos os homens e tôdas as mulheres tivessem aquêle corpo branco de Rolah seria a Grécia.

Ora um gesto mais, um olhar quem sabe, fizera reatar-se o fio partido, confidenciava eu.

— Como foi?

— Disse-lhe que a amava, no salão do hotel. E ela retirou-se de perto de mim, foi ao piano to-

car o Momento Musical de Schubert. Depois, como voltasse, insisti. Ela conservou-se calada e linda, um braço esquecido sobre a mesa, olhando o grosso tapete central da sala.

94. SEASON

Rosas vermelhas buscaram Madama Rocam-bola na gare cautelosa do Brás. Tapetei bungalow longínquo e pianal para as duas emboscadas em Perdizes.

95. PROMESSA PELADA

Agora tôdas as manhãs, eu surgia esperá-la na sala de visitas.

Ela demorava-se mas descia rápida e atirava-se contra minha boca sensual e medrosa.

Falávamos alto para disfarçar. Ela corria os dedos pelo teclado fazendo ressoar uma escala vadia pela casa.

Uma vez olhou-me muito, deixou o tamborete e num gesto esbelto, descobriu-se toda levando té os ombros o ligeiro roupão em que se envolia.

E branca e nua dos pequenos seios em relêvo às coxas cerradas sobre a floração fulva do sexo, permaneceu numa postura inocente de oferenda.

96. BAR

Dez horas da noite, o relógio farto batia dão! dão! dão! dão! dão! dão! dão! dão! dão!

Cangalhas com sono arrastavam-se para nós finalizando o serão de amor que Rolah por lições inglêses de futuras vogas em Los Angeles me oferava depois do jantar.

Eu batia o portão caminhando direto à cida-de borrada, no chupa-chupa de um beijo que ela me deixara no fundo da boca ou medindo a compasso a tortura de mais uma revelação da sua es-tranha natureza feminina.

Encontrava infalháveis a uma mesa promís-cua do Pinoni num açúcar de óperas Machado Pe-numbra e o dr. Pilatos. E maledizíamos com musical whisky e soda.

97. NOVA ESFINGE

O dr. Pilatos que taxizara comigo uma noite até o perdido bungalow, dissera em roda do Instituto, perante o príncipe holandês Edward von Rolmopps, que para se expressar o que a humanidade tem de mais fatal, falava-se: Cleópatra, Catarina de Médicis, Impéria e a jovem estréla cinematográfica Mlle Rolah.

98. HISTÓRIA DE FILM HISTÓRICO

Porque a Emprêsa Cinematográfica Cubatense propusera-lhe cenário contratual, transferi mãe e filha para Santos.

Trabalhavam em pavilhão de papelão no estirão de areia suja e sulcada, onde carroças interpenetravam horizontes marinhos com vigilantes corridas mecânicas de minha William Six.

Ante o grande mar cabeludo como Herodes, ela compunha e dançava.

99. LABORATÓRIO

Secadores cilindravam primeiras provas em desenvoltas fitas quilometrais.

Escuros salões conduziam por mata-burros unidos a sorrateiros faróis reveladores.

Tanques fixavam secretas maravilhas de luz para matinées e soirées de écrans.

100. RABO-LEVAS

“Joãozinho

Depois que tu partiste a Céliazinha estava um pouco abatida, caiu doente com resfriado. Há seis dias que o dr. Pepe Esborracha vem vê-la todos os dias no Ford de Pindobaville. Felizmente já sarou porque os remédios foram muito acertados. Ele é muito bom médico.

Por conselho do dr. Pepe Esborracha, mandei aviar as receitas na cidade por confiar mais na farmácia do Furquim boticário.

Por aqui, nos Bambus, sempre o mesmo.

Não se esqueça de me trazer novos romances. Já acabei de ler o Primo Basílio que muito me

fêz chorar. O dr. Pepe Esborracha emprestou-me Les civilisés e prometeu trazer outros livros quando êle vier. Veja se achas na livraria Garraux a Arte de Bem Escrever do Padre Albalat e La garçonne que dizem que é muito bonito e são as últimas novidades de Paris.

Não se esqueça de tôdas as minhas outras encomendas e traga também um par de sapatos de lona branca para Céliazinha. Vai a medida do pé. Temos tido muito calor nestes dias. Por que é que não me escreves? Veja se vem logo. Abraça-te e beija-te.

tua Célia”.

101. O GRANDE INDUSTRIAL

Célia era rica, eu pobre. Agora, com o duzentos por cento que seguramente renderiam os films em que me pus sócio, eu ficaria mais rico que Célia.

Entrava comigo no desenvolvimento da Grande Emprêsa, além de taciturno sírio inventor da idéia, o luzente bandoriental Banguirre y Menu-
do, aparecido do solo miraculoso com planos de

açambarcamento e luta no mercado brasileiro, com tôdas as pictures do continente.

— Vamos a nos quedar unos millonarios, hombre, con la Cubatense!

102. CÚMPLICE DE ASCENSÃO

E foi o pai plácido, gordo e charutal das Britinhas faladeiras quem me deu amigo braço no passo que levaria a todos ao Corcovado do dinheiro pela funicular da atividade americano-paulista.

Eu notara-o num abulismo amável, silencioso festeiro das coisas pequenas dos dias.

Sua influência de comissário retirado em lucros e fazendas junto a Carvalho Trancoso far-nos-ia sacar a gôsto para o engrandecimento da companhia e do projeto.

Batido a máquina, assinamos depois de lido pela profecia de Banguirre y Menudo, o contrato transmutador da Emprêsa Cubatense na Piaçagüera Lightning and Famous Company Pictures of São Paulo and Around.

Fora, no escuro fôfo de minha William Six, esperava no volante feliz o braço branco de Rolah.

— Não sei por que mamãe manda pedir tanto dinheiro depois de casada. Parece até que o tal conde seu amigo é mesmo um pronto.

— Isso é certo, mas o café está começando a subir depois das providências do governo.

— Você vive dizendo isso, você é muito otimista, acredita em tudo.

— Leia os jornais...

— Só os bobos é que acreditam nos jornais.

— Mas eu sei o que faço, meu bem; estou quase sempre em Santos acompanhando as operações da praça, no escritório do Trancoso...

— É sempre assim. E a fortuna de papai vai por água abaixo.

— Você me insulta, Célia. Mas hei de mostrar que sei ganhar dinheiro como seu pai.

— Arre! Não precisa êsses modos!

— Não modos. Eu devo me justificar, ora essa! Você decerto pensa que eu estou acabando com a sua fortuna. Fique sabendo se não sabe, que duas fazendas estavam hipotecadas antes do nosso casamento. E sua mãe é que já sacou centenas de contos de réis nessa viagem de núpcias. Eu tenho hábitos modestos, graças a Deus!

— Eu não estou te acusando. Só acho que é uma asneira êsse negócio de cinema, em que você se meteu sem me falar.

— Asneira! E o seu Britinho que é um dos diretores?

— Ele é ainda uma garantia.

— O asno sou eu, muito obrigado!

— Eu não disse isso, Joãozinho! Só acho que devemos ser cautelosos.

— Mande dizer isso à sua mãe.

— Você ficou zangado, Joãozinho?

— Zangado não, mas dá raiva.

— Então dê um beijo.

104. CARTÃO POSTAL

“De passeio em Porto-Fino na Itália, de barca a gasolina, saúdo-vos. Nair”

105. CORRETÓRIO-POLIS

O *Tatu Vespinho* de cangalhas e modos ríspidos, não se sabia como, tinha quinhentos con-

tos de neo-propriedades. O Nhaco barrigudo e vermelho do São Paulo Club vivia colocando dinheiro dos meninos bobalhões agrandados em farras bêbedas e escândalos chinfrins por terraços de Trianon Municipal e bordéis. Ambos e mais outros de ar agourento e pausado exigiam 5% sómente ao mês mais a comissão de 3 para letras garantidas.

Milionários risonhos e modestos atravessavam sob carícias de olhares as ruas bolsentas emitindo cheques visados contra inquebráveis bancos.

Emprêsas inquietas de nervosos gerentes levavam tábuas de reformas por impassíveis cães de fila que não viam a comercialidade necessária das propostas.

Novéis arrivantes metralhavam maratonas máquinas de escrever em pequenas salas promissoras de vastos armazéns.

E no boulevard cinza face à Hípica, onde bancas meninas previam o poker noturno e grosso dos condes e dos águias no Automóvel, as baratas e os torpedos esperavam vôo transporte dos viadutos centrais, debraiar as subidas da cidade para os bairros ajardinados e discretos.

106. VELHOS PAULISTAS

Apagavam-se como se uma vergonha dos antigos fios de barba os amarrasse no confronto sírio-itálico com a ricada vitoriosa e gritante sem pais nem leis. Botinas de elástico.

Compensadores piratas gordos prometiam-lhes genealogias fascículas com avoengos retratos.

107. TREM DOS COMISSÁRIOS

Eu zarpava sete e meio de Higienópolis reinaugurada por torce e fila no joguinho que o Britinho instalara manhãs e tardes na fumarada numerada do vagão santista.

Quebras rabichos capivaras foras milhões de sacas com perdizes amarradas e decidia-se entre fumaças que a situação da bôlsa cafeeira dependia da ofensiva primavera no Somme.

108. JÔGO DO BICHO

Municipal
Bar Teatro e Câmara
E o revezar dos pares e dos solos
Salas de espera de cinema
Com valsas e palpites
E delírios metálicos nos bairros

Para noturnos bifes
Éteres
Bolinhas
Caças e delírios metálicos
E bruma e amôres

Na centena do cafard

109. A FARRA

“Meus queridos irmãos
Estivemos agora em Veneza, onde é muito
bonito e célebre.

Mamãe ficou muito assustada com medo de
nós cairmos nas ruas que são de água e nós fica-
mos aflitas, pensando que nem podíamos sair do
hotel e só olhar da janela que dava para uns fun-

dos mambembes. Foi a criada do hotel que nos ensinou que tem ruas por detrás.

Passeamos muito nas barcas chamadas gôndolas e vimos homens andando sem chapéu até de casaca. A Cotita achou que era um escândalo, mamãe também. Meu padrasto disse que ia andar em São Paulo para pegar a moda.

Cotita vive dando escorregão no encerado. Outro dia estendeu no quarto. Ela agora aprendeu um fox-trot ranzinza chamado "We have no bananas". Fisicamente ela vai muito bem, mas moralmente, faça-me o favor! O meu fim vai ser entrar para um convento!

Nós não vamos embora para o Brasil porque mamãe tem medo dos sobremarinos.

P. S. Vimos a Ponte dos Suspiros onde morreu Romeu e Julieta e tiramos um retrato pegando nas pombas. Nair".

110. FITA EM SÉRIES

Santos era inexpugnável com Rolah e o sírio dos filmes que tomara por secadora de chapas uma italiana trintanária e trunfuda que por alçapões cobiçava a audácia miúda de Banguirre y Menudo.

Eu estacionava praiano com minha estréla passiva.

Porque a William Six ante cuidados econômicos de Célia inutilizasse a garagem longínqua, um auto alugado corria a cabeleira curta para trás pela avenida longa de grama selvática e palmas, do centro acachapado às areias inspiradoras de cenas filmicas.

Descalçávamos a vida para velados dias marnhos de promessas e beijos. E diante do grande mar emergido dum rochedo e da ilha desgrenhada dos urubus, éramos a paisagem na paisagem.

Noite caída no esquecimento de caramanchéis e árvores, caíamos na cumplicidade vidrilhada de Madama Rocambola.

111. ANHANGÜERA BOXING

Instigações das vocações fotogênicas de Banguirre y Menudo relacionaram súcia com mucudos dum terreiro sombrio da Avenida Ana Costa.

Eu telefonava a Célia ocupadíssimo em negócios de garçonne gramofônica no José Menino improvisado com Rolah.

Suores roupas brancas limonadas cocktails e um cheiro urbano de tulha.

Mas as tardes estavam no estádio que comecei a medir com mãos de oito onças e transpirações enfrentadas frente a virulentos profissionais cosmopolitas.

Caras espatifavam swings e upper-cuts bombardeavam queixadas ósseas.

— Ahora vamos a filmar un encuentro de ustedes para “El intimorato marinero”.

112. OS CONTRABANDISTAS

Gritos no cais tropical e fomos ver a luxenta cabina nupcial dos elegantes foragidos da fornalha transatlântica.

Nair e Cotita eram girls usando face-à-main. Os alfandegueiros negros sorriam ao bota-dentro.

No fundo da William Six, tia Gabriela ao lado civilizado do Conde José Chelinini Della Robbia Grecca, tinha lábios enormes num olhar vago de desiludida.

113. CRUZEIRO
SEISCENTISTA

A Serra do Mar foi um mergulhado mar de verdura com passarinhos importantes.

Depois casas baixas desanimaram a planície cansada.

E o arraial arranha-céu buzinou de peixes fritos.

114. EXTENSÃO
DA FAMÍLIA

Higienópolis fervilhou iluminações passos no jardim idas à rua de crianças com jogos.

O irmão de José Chelinini interveio esgalgo almofadinha impávido com sobriquete de Periquito e furtados cigarros. Back batuta de campeonatos sapecava shoots no muro longe do quintal, tratando de canjas a mim e ao conde, interventores estabanados.

Os pais vieram si sinhore lembrando nos olhos praias satisfeitas de golfos humildes da Itália.

E gaffes jantaram vinhos finos.

115. GLOSSÁRIO BRASÍLICO

O em vez e o éramos em cinco do Conde contradançavam com a cintura de charmeuse da Nair pedidora de citronadas, concordando ambos em que mancava o Pantico para a alegria ser universal.

Periquito esganiçava maliciosos prá riba de moá de mistura com pés de anjo apelidais em Cottita que o chamava de shocking c garganta.

E minha achacada sogra lastimava tão sómente não ter comprado aquêle fotóe do hotel de Paris-plage.

Lá fora, o Serapião etíope restituído a funções de uniforme branco, declarava ser perciso cavar uma baita limosina Rosróis para ser família cotuba.

116. AS FAZENDAS DA CONDÉSSA

No terceiro forde excursionista que me levou, a Candoca Brito amava os bigodes chaves de ouro do Sr. Júlio Dantas e numa candura figueiradal acreditava na gramática, guturando opiniões

lastimantes que a sem modeza das môças de hoje substituísse leituras de arte e sonhos de amor pelo fox-trot e pelo tennis.

Cafèzais passavam em parada verde montante.

Nair preferia Dorothy Dalton e a javá.

E nos longes escritórios do Havre, gráficos fixavam cours du jour a 9.561. Porque a baixa impassível com mais um come nas providências grandiosas dos governos, fôra de 25 francos em 15 rápidos dias. As cotações agora eram de 58.

117. O EMPRESTADOR DE LIVROS

Uma recaída do resfriado de Céliazinha pusera outra vez em evidência a sabença calomelânica do dr. Pepe Esborracha.

118. CONFERÊNCIA

O conde chamou-me uma manhã para o escritório do Tico-Tico Bezerra com um retrato da

Gioconda na parede. Tinha decidido empregar grossa soma na Emprêsa Carioca de Caibros e Sementeiras — uma mina! Entendera-se já com Trancoso Carvalho & Comp. Precisava de um endôssso que não fôsse da família, tendo sido esgotado em descontos meu imprevidente nome ofertado. Propus-lhe Britinho calmíssimo no uso de colaterais situações sacadoras. Ele ajustou os óculos de enxôfre na cara sardenta de jogador e telefonamos chamados inúteis do terceiro precioso. Britinho abúlico desaparecera num mistério sem sinal de fumaça.

119. TRANSAÇÕES

Trancoso Carvalho ficaram de repente positivas bêstas faltadoras de confiança em velhos clientes, mas a Companhia Industrial e Segurista de Imóveis Móveis aceitara o negócio depois do vesgo exame do grande advogado Bica-Bam-Buda.

120. ÚLTIMO FILM

Quando súbito queimou o fusil em que ginava a Piaçagüera Lightning & Famous Around.

O sírio pegara como um rato gordo o bandoridental luzido Banguirre y Menudo em estrepolia sentimental com a trunfa itálica.

A liquidação propôs-se com o réu acobertado do estrilo mascate pelas bengalais garantias dum secreta urgente.

Perdêramos na financial aventura eu e o Britinho inexplicáveis 25 contos de réisreais.

121. PROLE DE ADÃO

O Britinho era o coronel da irresistível hetaira Catarina Pinga-Fogo.

122. VANITY-FAIR

D. Tira-Vira de sabida suspeita esganiçava segredos inglêses para o filho usura calvo antigo organizador de cotillons com declarações néscias de amor e passadas aventuras criadas na Alemanha Kaiseriana. Paletòzão bêsta e paternal achava-os feras e flambavam farras trianeiras.

Mas D. Pequitibota bancava milionários trens de vida ante a crise começada para fazendeiros comprometidos, enxoalando filhas com dúzias de dessous avistadores de alianças fortunais.

Nhôs levantavam palácios confeiteiros questionando que quadros ou fôssem assinados por figurões do Larousse ou pelo Barbabassi.

Escritórios gigolôs de mexericos preguiças e noturnos pokers de pensões.

Enquanto nos casarões ramazevedos das avenidas, despeitadas solitárias metiam a ronca nas de morfino viver que parisiavam aventuras com velhos meninos domésticos e outros.

E vôos insexuados de velhotas cultas inventavam primeiras ofensivas de cruzes coloradas.

Mas crendices na cruz única inda titulares e mães antigas mantinham com pedidos ardentes a São José pela salvação da jangada desgarrada e espevitada de tão feios dias.

Quando para o Guarujá driblavam 100 à hora Packards Hudsons Cadillacs desabando os batalhos das balsas.

123. BUNGALOW DAS ROSAS E DOS PONTAPÉS

Bondes goals
Aleguais

Noctâmbulos de matchs campeões
E poeira
Com vesperais
Desenvoltas tennis girls
No Paulistano
Paso doble

124. POLITIC-BALL

Eleitor convencido de deveres, era dever do dr. Pilatos rebocar-me noturnas visões de redações com resultados pleiteais.

Pelo dia cabos furtá-côres automobilizados para longínquas secções coronéis italianos negros na fiscalizância de urnas vivas como aquários.

Bezerrões nunca desmamados de tétas paternas dirigiam charutais resultados.

Mesários e turnos freges e saudades de rasteiras.

E hinterlandas batalhas municipais canalizavam o tiroteio das ruas vermelhas para o pô guloso das secções livres dos jornais.

O povo forte contentava.

125. VÍRGULA

Mas o carteiro veio me dizer que Rolah ficara só e minha porque o biombo materno se tinha fechado em pressa marítima na direção affarista do Rio.

126. QUITAÇÃO

Pulsações ligeiras alucinando
Lábios e pálpebras
O coração esperou
Cisne gracioso que seminudava no chalet de
banhos
José Menino era um sol
Na terra loura e azul

127. RABANADA E
SUITE

Porém Madama Rocambola estourava de regresso noturno a São Paulo como invocação erra-

da de médium. Tinha sido roubada em vinte e dois contos e anunciava andar o mundo cheio de infames salteadores.

A William Six escapada ao contrôle dos que fazendavam encheu bagagens na direção montanhosa de Santos.

Volta às praias precedia o hotel jantado onde a velha tirava da sacola velha um velho baralho de sabujos vaticínios.

— Estas três princesas são uma mulher morena, uma mulher clara e um homem de bigodes.

Rolah era uma lâmpada loura.

128. CHIFRES

Foi quando instantâneo lembrete do destino chamou-me telefônico para Bambus fazendeiro. A chifrada do boi prêto na perna branca de minha mulher estava entregue aos cuidados solicitados e solicitados do invencível dr. Pepe Esborracha ocorrido numa corrida de Pindobaville.

Quarto escuro no quarto dia e êle na sombra.

129. ATO III. CENA I

Na preguiça solar da mesma sala grande onde fôramos felizes casais, Célia e a cadeira de balanço choravam como um tango.

— Já viu sua filha como está grandinha?

— Já.

— Nem se importa mais com cla. Ela teve sarampo e gripe. Quase ficou com o ôlho torto. (Um silêncio cheio de môscas). Diga a verdade! Recebi uma carta anônima contando tudo. Não há nada mais triste do que ser enganada. Você está apaixonado por essa atriz, Joãozinho! Conte tudo. Acho você envelhecido, preocupado, com cara de viciado, Joãozinho!

130. RESERVA

“21 de Abril

Seu Dr.

Peguei hoje na pena para vos Felicitar os nossos antes Passado sendo um dia de grande gala, para nós no nosso Grande Brasil sendo o dia do nobre Brasileiro Tiradentes que foi ezecutado na fôrca, mais tudo passa vamos tratar do nosso futuro que é melhor os passado eram bobos, por

aqui todos Bom grassas a Deus o mesmo a todos que aí estão. Candoca, Rufina, Delina, Maria José, Bermira e a filha estão todos na mesma. Só eu saí sorteado para o Regimento Suprimenter de Paracatu no Goiás e queria que V. S. desse as providências para mim ficar em Caçapava no Regimento de Infantaria Montada fica mais per-
to aqui eu estudarei para ser a Luz de minha fa-
mília. Representar talento com meu falecido avô Capitão Benedito da Fôrça Pública, não estudan-
do agora, quando mais o tempo passa e a Velhice chega conduz a Tristeza, porque êste mundo é um passatempo que nós temos essa é a Verdade! Só temos que tratar do Futuro neste mundo não valhe nada a Beleza as Festas as Inlusão do mun-
do só o talento com o grande Rio Branco o Ouro Prêto, O Padre feijó José Bonifácio, Rui Barbosa e outros que nem se sabe.

Seu criado às ordens

Minão da Silva”.

131. MAIS QUE PERFEITO

Eu tinha saído do laboratório da Itacolomi Film onde Rolah tinha dado uma hora preguiçosa de pose para observações contratuais.

Ela me tinha confessado pela manhã que seus amôres anteriores com pastores não tinham passado de pequenos flirts de criança.

Agora quando tínhamos descido a escada longa eu me tinha baixado até os orquestrais cabelos louros.

E tínhamo-nos juntado no grande doce e carnoso grude dum grande beijo mudo como um surdo.

132. OBJETO DIRETO

Ao longo do longo Viaduto bandos de bondes iam para as bandas da Avenida.

O poente secava nuvens no céu mal lavado.

No Triângulo começado de luz bulhenta antes da perdida ocasião de ir para casa entramos numa casa de jóias.

133. BASTIDORES

O conde José Chelinini tronava corretores de todos os tamanhos e prepostos de largas empresas no antigo escritório da Rua Quinze abando-

nado por meu abandono amoroso. Expedira com rótulo ao Glória Hotel do Rio tôdas as sogras da vida e esperava de cabeça vermelha nos bancôs noturnos do Automóvel Club a volta vingadora do Pantico.

Célia e Céliazinha cresciam ao sol dos pomares brasílicos.

134. CORSO

O Carnaval acendeu o charuto roliço do Britinho, vaqueiro de automóvel que recusei alegador de pudicícias em Rolah e a mãe.

Minha prudente evitação da William Six, apoderada pela absorvência de Chelinini com Periquito empoleirado no volante, contratou táxi que pôs à porta de Perdizes achadas guirlandas de papel e florões com chauffeur de nanzouk.

Alvissaramos ágeis sob a máscara inteiriça e Rolah de loup, enfaixada num tutu negro que lhe punha mais loura a carne dos ombros nas coxas. Baixo do tôldo de veludo verde, a bola de Madama Rocambola era um saco de confetti na direção da Avenida.

135. PASSA O AMOR

A tarde suicidava-se como Petrônio.

Serpentinas explodiam ao nosso lado na extensão toldada de bandeiras e asfalto.

Famílias iam por quatro filas de máscaras carruagens, estandarteando longes vultos ornamentados e confusos de caminhões caminhantes.

Dominós agitavam-se como bandeiras amareladas.

No enroscamento dos bonecos rodantes em roda dos maços fofos com guirlandas elétricas de papel, os carros tinham lentidões de rabos.

Rolah ria como um animal espancado e fazíamos regressar as serpentinas vindo voando.

136. LUTERANOS

Como eu o Britinho o Conde o Pilatos o pai suspeito do Carlos Capua o dr. Silveirão o Melo o Bernão o dr. Pata-Treta o Zé o João o Miguelinho — todos gaios encarapitados em táxis com girls ciganas chinesas das Arábias e tirolianhas do Egito — tínhamos tido a precavida precaução de nos precedentes dias freqüentar com sorrisos de

reforma o filho cinco por cento do Paletòzão e mais dignos representantes da usura cidadina.

E belos cursivos e feios autógrafos haviam rabiscado calmos papéis impressos de sêlo duplo pelas bancas bancárias em ação.

137. BAILE

“A sua loira e estranha divindade dominou a sala fantástica até extinguir-se a última nota da mágica orquestra”. Para o álbum de Mlle Rolah. Machado Penumbra.

138. MEMENTO HOMO

“Joãozinho

Ontem fui com Céliazinha passar o último dia do Carnaval na cidade e nos hospedamos em casa de D. Teresinha. O dr. Pepe Esborracha nos influiu muito para ir, visto ser êle o organizador das festas do Clube.

Fiz uma fantasia para Céliazinha de Fada do Bem que ficou muito graciosa e ela divertiu-se

muito com a Bilu e as outras meninas. Passaram a tarde toda na calçada jogando confetti e lança-perfume.

O maior sucesso do dia foi um grupo de cinco estudantes que passou pelas ruas bebendo cerveja em ourinóis e comendo lingüiça que molhavam na cerveja. Quase morremos de rir e só depois é que soubemos que foi o dr. Pepe Esborracha que teve essa idéia tão engraçada!

As filhas de D. Balbina foram as môças mais bem fantasiadas da cidade. O largo da Matriz estava repleto de môças e moços em luta acesa com confetti e lança-perfume. O baile do Clube começou às nove e meia e durou até 5 da manhã e estêve muito animado. Espero que você venha no fim do mês, como prometeu.

Um abraço da tua

Célia.”

139. A DENÚNCIA

Entrei em Higienópolis para jantar e sobre a mesa um telegrama azul exigia minha imediata presença nos Bambus. Célia sabia tudo lacônica-
camente.

Rolah pediu-me que telefonasse trin-trin contando o que havia.

O trem a manhã e a chuva eram um coradôr de roupa branca. E parti na direção do trolley da serra fazendeira num cheiro de curral e de selva.

140. MLLE DE SÉVIGNÉ

“Rio

Meus queridinhos

Souvenirs. Estou com uma brutas saudades de vocês e das matinées do Paulistano. O Rio o que tem de agradável é o cinema de dia. Mas os foot-ballers cariocas são uns gargantas.

Devido ao verão, dormimos com a janela do hotel aberta para a paisagem. Amanhece muito cedo. Eu durmo outra vez e depois chamo o garçon para trazer meu chá com toasts.

Ontem, um estranho som chamou-me a atenção. Uma pessoa grotesca passava pela avenida divertindo-se com um tambor que decerto era improvisado. Era uma mulata fantasiada de baiana.

Depois, de tarde, fomos ao centro ver passar os cordões endiabrados do Rio de Janeiro. Quase tôda a gente estava de cara enfarinhada. As mocinhas raquíticas ficavam ridículas de rouge na

bochecha e no nariz. Os bondes estavam impossíveis (mamãe agora deu para econômica!)

A Avenida Central estava apinhada com gente cantando e dançando no meio. Tirei linha à vontade.

De noite, vimos passar os préstitos. Uns coiós nos apertaram. Mamãe deu com o guarda-chuva num atrevido. Os préstitos estavam lindos e os Tenentes ganharam longe! Primeiro vinham guardas de honra fingindo de cabeças de vaca em cima de burros. Depois passou o carro estandarte com um sol rodando debaixo duma mulher à-toa. Estava cotuba!

Hoje é o grande baile do hotel. Vai ser um suco! Está cheio de americanos. O meu flirt telefonou que vem. A Cotita não quer se fantasiar porque o dr. Pirinhos deu o fora nela. É uma infeliz! Eu cavei uma fantasia ba-ta-clan!

Adeus e beijinhos

da Nair".

141. O GRANDE DIVORCIADOR

No escritório arranha-céu um rapapé rapado afirmava para guedelhudos óculos de cigarro que a debênture era um 420.

Moços de luto nôvo ensinavam que o passo do blues era mais sintético que o do shimmy.

Calados herdeiros viúvas orfandades entre ambições robustas de Jucas e Totós.

Um pai industrial queixoso das latronagens viciadas do filho almofada longo que lhe batera a amante com olhos de cocaína. E ambos discutiam o caso moral.

Sírios itálicos japonizados no Far-West urbano.

Condes de fala fina apostadora de roupa com cigarro de palha e detenção de milhões impalpáveis falavam grosso.

Inventados inventários em maços de almaços.

E irmãos vinham apaziguar gôtas derramadas de sangue em cabaré.

Um silêncio ecoou a aparição do súbito homem célebre têso como um taco moreno.

E foi minha a vez de ouvir num romance naturalista o dossier dactilado de meus detalhados desvios.

142. LENGA-LENGA

— Sou consultor de sua tia, fui amigo de seu falecido pai, conheci seus avós. Fiz o casamento

de seus tios. Sou mais um conselheiro íntimo que um advogado banal.

Porém a situação é insustentável. Sua senhora, coitada, reuniu provas esmagadoras contra o seu leviano proceder. O Sr. tem sido avisado em excessos com cômicas. À margem disso o caso financeiro negreja no horizonte. O Sr. adquiriu rapidamente uma reputação de dilapidador. O seu nome já figura no Boletim das Falências e Protestos, no pasquim secreto e implacável, a destilar condenação, a destingir desonra!

— Ao lado do Conde Chelinini.

— Perfeitamente. Mas o conde acusa-o de se ter locupletado. Perfeitamente, o conde acusa-o.

143. MOBILIZAÇÃO

Higienópolis encheu-se às cornetadas da falência e desonra. Meu folhetim foi distribuído grátis a amigos e criados. E tia Gabriela sogra granadeira grasnou graves grosas de infâncias.

Entrava doméstico para comer e dormir longe de Célia. Os criados eram garçons de restaurante.

Mas três contos de réis de resto da última reforma conciliada entraram em Perdizes no entardecido roxo.

A sala antiga de papel antigo e piano parara uma cantiga antiga.

O falsete empapuçado de Madama Rocam-bola remexeu uma bôlsa suja e apresentou-me um trecho de papel. Era o amarrrotado fora definitivo de Rolah, a cheia de gigolôs.

— Ela bem dizia que o Sr. nunca que acabava de dar os cinqüenta contos.

Eu e o conde e o Britinho éramos de semanas os autores mais citados na pendenga madura da sala de verdes audiências do Forum Cível Pau-lista. Capinhas pretas enrouqueciam com pinga derredor das oblongas mesas zunzum com a lonjura de nossos privilegiados nomes protestados.

Primeiras praças anunciaram-se dos bens legados por inventário de minha mãe únicos válid-

dos havidos para credores ante a Verdun contractual do separado casamento com Célia.

Dias de cão com noites abraçais a Céliazinha consentida nos ombros negros da criada esquiva. Manhãs fugas ante settlers da justiça oficial intimadora nas conseqüências fulmíneas de cambiais cambiadas. Noites vexames de redações pedidas com prestígio prestado de Machado Penumbra para discrições dos nomes da família conspurcada vindos em bonde dos tabeliães protestantes.

Romarias escadais de horas bureaus assinadores do conhecimento tomado e lavrado dos vencimentos invencíveis.

Saques e protestos e intimações e juízos e têrmos e advogados e prazos e ofícios e praças e petições no contemporâneo Forum de N. S. Jesus Cristo.

Avaliadores de réus, peritos de escrivães, distribuidores de pregões.

Homens torvos e sujos, almofadinhas claros e bambos, moles ratos de mesa com funestas malícias.

Andar de cima, decretavam-se vidas com rabiscos margeantes do desenvolvido selório papelado de cartório.

Eu empobreço de repente
 Tu enriqueces por minha causa
 Ele azula para o sertão
 Nós entramos em concordata
 Vós protestais por preferência
 Eles escafedem a massa

Sê pirata
 Sêde trouxas

Abrindo o pala
 Pessoal sarado.

Oxalá que eu tivesse sabido que êsse verbo
 era irregular.

“Sr. Dr. Joãozinho

Nós aqui estamos satisfeito por saber que vão
 todos bem nós aqui vamos indo Regular o Dito
 da Belmira está muito crescido e experto, moram
 agora na cedade. Nós estamos só aqui e eu vou
 moral na Estação. Comprei um lote de terra de
 Sociedade e vou fazer uma casa para moral. Des-
 ponha do

Amigo que lhe estima
 Minão da Silva”.

O banqueiro cervejeiro interpelara-me na sa-
la rubra metralhada de dâctilos e gráficos. E eu
lhe fizera ver o Conde Chelinini ter rebentado co-
mo qualquer mortal que exagera as próprias fôrças
no Automóvel Club. Mas honestos o Britinho pe-
lo telefone do Far-West propunha comigo um
acôrdo honesto.

— Aqui nong teng agordo. Teng pagamen-
to!

Saí para o encontrado encontro do dr. Pilas-
tos impenetrável recém-vindo do Guarujá com
cocktails do conde em fuga.

Bocks duplos dialogaram no Pinoni até que
movimento negativo de cabeça me disse que Tran-
coso Carvalho & Comp. não cediam, não refor-
mavam, não esperavam.

— E o conde?

— Um tarado o Sr. Conde! Fiz o quadro
do amor de prima Gabriinha, um amor de ro-
mance! Sabe? Chamou-a de velha gaiteira!
Ousou grosserias, ignomínias, despropósitos. Um
tarado! Minha prima, velha gaiteira? Oh! Ah!
Veremos!

— Mas o Sr. não fêz ver que êle pode ir
para a cadeia por ter falsificado a firma da
mulher?

— Olhe, êle chamou-me até de côco da Bahia, e disse que se eu replicasse me atirava o mata-borrão na cara. Eu saí para evitar uma cena de sangue! Oh! Ah!

149. BRITICfDIO

Quem morreu foi o Britinho como um passarinho na estrada emboscada do sertão refugiante por detrás do pau.

Com cartas das filhas e contas em que embrulhara de embrulho minhas dívidas de Rolah, um retrato nu de Catarina Pinga-Fogo foi tirado na sangrenta carteira ao lado do cavalo deserto.

150. TESTAMENTO LITERÁRIO

“A mulher é uma coisa misteriosa que chora sem razão, muda a tôda hora de desejos e de voz e nunca aceita os meus carinhos e fica impassível diante de minhas desventuras pessoais.” Teodomiro Pelágio de Brito.

151.. INQUÉRITO

Porque a Candoca filha tossindo descabelada viera a Nova Lombardia partindo o racontar da eterna história num chôro falado, minha indisposta sogra exigiu que eu cavalasse na direção da justiça por jequitibás num sol de groselha.

Verifiquei a inútil autópsia do ex-amigo estendido matinal num jardim da cadeia aradopolitana com loucos indiferentando. Tesouras luziam a mão médica cortadora de carne de aço que pestilenciou duas balas na grama.

A delegacia vazia escorava pernas grossas atarracando bigodes prêtos e retorcidas cicatrizes com um negro de testa curta e um homem descascado prontos para o impassível habeas-corpus sertanejo.

152. LOOPINGS

Mas o Conde desapareceu definitivo guardador das sobras e saudades dos bambúrrios e blefes na estrada de ferro automobilística do poker-club.

E Nair apareceu fulminante espôsa do filho matadoural do gigante Bretas do Rio, com renovados amáveis direitos hipotecários sobre as fazendas salvas e Trancoso Carvalho esfregados num choque de cheque.

E meu divórcio recrudesceu por sentença regular com Céliazinha homologada à mãe em sete anos e mais rombos no meu pátrio poder por maravilhosa graça do imenso jurisconsulto dos Jucas e Totós.

153. NEGROLOGIA

Quando Machado Penumbra tomara-me a seu valente lado no jornal mundano e moderno que o chamara para repentino diretor como orientador e grande prosador.

E na sala aberta da redação o dr. Pilatos noturno de ohs e ahs aportou a notícia de fraque do adoecimento final e morte de minha sogra. E porque tia fôsse tia exigia com abraços minha inopportuna presença em Higienópolis de janelas cerradas e acessos silêncios.

Não fui à casa que revi funerando inteira mutismos de passos e ticticks de coroas e onde mudo, pomposo e lívido, o dr. Pepe Esborracha atenderia flor de laranjeiras crises de cá pra lá.

154. TESTAMEN- TEIROS

Por cuidado cabogramado do grande divorciador, o matrimonial contrato de Nice fôra de precavidos efeitos, impondo a Chelinini não mais que três contos mensais de aluguel marideiro com cem de jóia e jóias. E o dono esperto da esperta Nair cerrara testamento tapado a máquina pela mão manhosa do médico de Célia e Pindobaville dr. Pepe Esborracha. Num choroso conluio, ambos se tinham descoberto como Brasis e concordado junto à cama desfalecida da enferma de aquecedor elétrico nos pés de câra. E assinaram a rôgo que o longe Pantico ingrato empregado em Antuérpia e a Cotita de óculos contrariantes, bestenamorada dum mineiro de Minas, podiam dispensar vantagens que a devotação das duas outras merecia haver na sobrenadante fortuna fazendeiral em alta.

155. ORDEM E PROGRESSO

Ano Nôvo jantou juntados redatores e convivas pela administração jornalal de largas vistas e construiu a meu lado um paralelepípedo de car-

ne com óculos sem pé que era o dr. Mandarim Pedroso. Machado Penumbra diretivo nos enfrentava casaca de papo branco e flor.

— É um grego de tendências emotivas! apontou-o com o guardanapo o toutiço vizinhante à chegada do trem da sobremesa. Vai longe! Vou fazê-lo Vice-Presidente do Recreio Pingue-Pongue.

Explicou-me o que era às claras essa chiquíssima sociedade de môças que a sua personalidade centrava como um coreto.

— Uma forja de temperamentos e um ninho de pombas gárrulas. O Sr. precisa entrar para lá, principalmente depois que o seu nome de poeta e jornalista começa a raiar nos galarins da fama. Quer saber, digo-lhe confidencialmente, o Presidente da República saiu de nossas fileiras, o Prefeito de São Paulo também, o Vice-Prefeito idem idem. Já fornecemos à alta administração doze estrélas de primeira grandeza. Santos Dumont é dos nossos.

E súbito, reservado como as senhoras que a gente encontra na sala secreta do museu de Nápoles:

O Sr. possui filhas?

— Sim. Tenho uma de seis anos.

— Ponha-a lá, ponha-a lá, se quiser salvá-la dos perigos contemporâneos. Ah! Lá não se dança o paso doble, meu caro senhor! O paso doble! Devia chamar-se a cópula de salão! Olhe, nós vivemos numa civilização de dancings...

Facas bateram copos semafóricos. Face a nós, Machado Penumbra elevara-se, neto de Lord Byron na Itália.

— É um discurso para amigos, meus senhores! E como esta florida mesa reúne sómente rapazes, eu beberei a Cupido! A cada presente a esta reunião de saúde e fraternidade, eu junto uma ausente cara, numa argonave de esperanças eternas.

Porque nós, meus colegas, meus amigos, neste vale de emoções, de apogeus e de quedas de Ícaro, vivemos apenas o romance da eterna pesquisa, da eterna procura, da eterna recherche, da eterna mágoa da miragem! Mas não fiquemos apenas na visão dêsse desejo do impossível que a todos nos inquieta e comove. Prossigamos na realização do Inachado, do Irrealizável, do Incrível, alcancemos a promessa lantejoulante do Nada! À mulher, ergo a minha taça de vencido!

156. BATEM SINOS
POR D. CÉLIA

“Faleceu anteontem, na fazenda dos Bambus, comarca de Pindobaville, na juvenil idade de 28 anos, sucumbindo a uma terrível pneumonia, a Exma. Sra. D. Célia Cornélia da Cunha.

A extinta que era filha do saudoso paulista Coronel Belarmino Elesbão Arruda da Cunha e da falecida Sra. Condessa Gabriela Chelinini, foi sempre figura de relêvo na nossa sociedade e primava por seus dotes de espírito e coração, sendo muito estimada no largo círculo de suas relações.

Era cunhada do distinto capitalista carioca Sr. Carlos Bretas, irmã do Sr. José Elesbão da Cunha, comerciante em Antuérpia, das Sras. D. Nair da Cunha Bretas e D. Maria dos Anjos da Cunha Meireles e prima do nosso eloquente confrade e ilustre geógrafo, Dr. Pôncio Pilatos da Glória.

Foram baldados todos os recursos da ciência médica para salvá-la.

Pêsames à distinta família enlutada".

157. ERRATA

Eu pudera quem sabe prever o armistício com músicas jazzbandando pelas ruas aliadas e o esmigalhamento alemão por Foch e Poincaré, mas nunca auscultara minha precoce viuvez e a chegada de Antuérpia num cargoboat, do meu cunhado José Elesbão da Cunha com barbas.

Foi a êle que corri na aflita busca de minha Céliazinha, feita milionária e só pelo Deus das

revisões de processo. Sumira-a a elegantíssima tia Nair, largada do Rio mundanal para a cabeceira moribunda de ventosas.

Encontrei o nôvo Pantico magro e oposto a tôdas as visões da infância e da adolescência epistolar longínqua. O trabalho raivoso formara-o homem. Conhecia todos e tudo de nítida e póstuma visão. Aprovava-me com resignados silêncios contidos.

Partimos de trem e de trolley para a Nova Lombardia encharcada da chuva entre coqueiros desgrenhados por shampooings de tempestades.

158. RECREIO PINGUE-PONGUE

Miramar a vida é relativa
O acontecido não teria sido
Se nascesses só
Sem a mãe que te deixou virtudes caladas
O acontecido te ofertou
A filhinha de olhos claros
Abertos para os dias a vir
És o elo duma cadeia infinita
Abraça o dr. Mandarim

E soma êle ao azul desta manhã
Louçã

159. SERÃO DOS
CONFORMADOS

Mister Penélope vizinho enquanto a mulher viajava na Austrália, espirrava como um clown num circo com assoamentos de trombone. Célia-zinha de prêto ria, estalando a cartilha de figuras maiores do que ela.

Nosso apartamento na casa art-nouveau de Madame Kolny, Praça do Arouche frente ao pára-sol folhudo de D. Flor Vermelha, tinha dois quartos quadrados e um jardim de invernais orquídeas como saudades.

Mulheres de pince-nez passavam toc toc por janelas quietas de grades.

A criada japonêsa noticiava matinais jornais e inglese tá bão não bão para a risada livre de minha filha, colorista de montoadas revistas estrangeiras.

Íamos ao Jardim da Infância de D. Mademoiselle Ivone e à novena organista do Sagrado Coração.

160. DISCURSO ANÁLOGO
AO APAGAMENTO
DA LUZ DURANTE O
FOX-TROT PELO
DR. MANDARIM PEDROSO

“Minhas meninas, meus rapazes!

Este clube é um lar!

Nêle, o espírito hospitaleiro é uma prerrogativa ao lado do catecismo moral da juventude! E é devido a isso que o Recreio Pingue-Pongue se tornou célebre a mais progressista artéria de nossa vida social, com floridas ramificações pela política e pela literatura! Nêle esplendei vós, ó inefáveis portadoras das graças venusinas, ao lado dos jovens pegureiros da Pátria!

Sob esta blusa de modesto obreiro, não me posso deslembra que acontecimentos diários acumulam deslumbradoras certezas para vós.

Quero referir-me particularmente a um fato acontecido ontem à noite durante as danças e precedor dos maiores elogios da diretoria.

Porque aqui, meus senhores e senhoras, revelando uma cultura pouco vulgar, em juventudes desta idade, as sócias e sócios não cogitam tão somente dos adornos que eletrizam os do respetivo sexo oposto. Não! Praticam os desportos! Seguindo a lição da Grécia, realizam o eterno anexim *Mens sana in corpore sano*. Aqui não se lêem

romances de baixa palude literária nem versos futuristas! Só se lê Rui Barbosa. Não! Aqui, formam-se dignos filhos e filhas do grande ser que Bilac chamou na sua frase cinzelada e lapidar “Astuta e forte, a grande mãe das raças, Eva!”

Ontem, quando sócias e sócios se entregavam às dulcorosas e inocentes graças dos voluteios de uma valsa lânguida, uma traiçoeira panne veio inundar de treva o recinto de fulgurantes ouropéis. Morreu nos lábios de todos o sorriso da bem-aventurança! As môças nessa idade côr-de-rosa dos sonhos e dos anseios, ficaram melancólicas e assustadas, procurando como se as perseguisse uma mio-pia indizível um braço sólido que as arrimasse. Em vão! Nenhum!

Perfilados como heróis, os seus pares permaneceram como que fulminados por raios da cólera divina! (Risos contidos de môças e moços.)

Quando se restabeleceu a corrente pérfida da Light, estavam todos a sessenta centímetros mais ou menos de distância, em atitude calma e respeitabunda. Vê-los era como ver viajores extáticos que se dessedentam na esperança e na fé dos castos beijos da brisa.

Isto é digno de Plutarco! O feminismo contemporâneo esbarrondar-se-ia na sua verbosidade grácil ante o rochedo dêste fato. *Res non verba!*

Visto isso, só tenho a inserir na ata do Recreio Pingue-Pongue, um verdadeiro e auspicioso

hino congratulatório aos moços que, como verdadeiros São Luíses, se mantiveram em hora tão perigosa na postura que os levará mais tarde como maridos aos fulgurantes páramos da ventura conjugal!

Bendita terra que possui tais efebos! Pátria, latejo em ti! (Sorrisos e palmas.)

161. HISTÓRIA DO BRASIL

E Céliazinha maleta pelas portas lampiões, ia-me explicando que D. Pedro I era um perdulário que se arrependeu na hora da morte e mandou chamar o neto do seu neto para lhe dizer que não fizesse que nem êle.

— E D. Pedro II?

— Esse era um grande preguiçoso. Quando a professôra chegava, dizia que ia jogar cartas e nem queria ver os livros.

A noite vinha e desembarcava meu anjo noturno.

“Gênova Hotel.

Meu querido amigo e confrade
Saudações.

Só hoje, escrevo-lhe desta bela Itália, país da arte, cheio de templos de mármore de Carrara, onde a Fé se escuda na égide da tradição.

Vedere Napoli e depoi morrire!

Estive em Lisboa alguns dias e visitei a célebre Tôrre de Belém, donde partiram as gloriosas caravelas de Cabral, singrando o Oceano. Não pude deixar de concentrar-me e transportar o meu espírito àqueles tempos gloriosos. E senti a mais profunda gratidão por êsses intimoratos descobridores, reconhecendo que se não houvesse tamanha epopéia histórica, eu hoje não estava aqui e talvez fôsse um português que com o lastimável estado do câmbio nem pudesse andar viajando.

Irei brevemente contemplar as maravilhas da arte de Rafael, do tempo formidável dos Medici e ver o Castel Santangelo, donde se atirou a formosa Tosca de Puccini.

Recomendações e abraços sinceros
do amº. crº. venºr e primo
Pilatos

P. S. O mundo é realmente pequeno como dizia o erudito padre Manuel Bernardes. Indo

ontem a Santa Margherita, fui espiar umas danças do Kursaal e qual não foi minha íntima emoção, lendo num cartaz da porta "José Chelinini, professore de Shimmy-Trott". Está visto que dei às de vila-diogo para não me encontrar com o caradura.

O mesmo."

163. ENTREVISTA
ENTREVISTA

— Com que então o ilustre homem pátrio de letras não prossegue suas interessantíssimas memórias?

— Não.

— Seria permitido ao grosso público leitor não ignorar as razões ocultas da grave decisão que prejudica assim a nossa nascente literatura?

— Razões de estado. Sou viúvo de D. Célia.

— Daí?

— Disse-me o dr. Mandarim que os viúvos devem ser circunspectos. Mais, que depois dos trinta e cinco anos, *mezzo del camin di nostra vita*, nossa atividade sentimental não pode ser escandalosa, no risco de vir a servir de exemplo pernicioso às pessoas idosas.

— O dr. Mandarim, com perdão da palavra, é uma bêsta!

— Engano seu. O dr. Mandarim é baedeker de virtudes. Adoto-o.

— A crítica vai acusá-lo e a posteridade clamar porque não continuou tão rico monumento da língua e da vida brasílicas no comêço esportivo do século 20.

— Já possuo o melhor penhor da crítica. Li as “Memórias”, antes do embarque, ao dr. Pilatos.

— E êle?

— O meu livro lembrou-lhe Virgílio, apenas um pouco mais nervoso no estilo.

Sestri Levante — Hotel Miramare. 1923.



Este livro foi composto e impresso pela

E D I P E

Artes Gráficas

Rua Conselheiro Furtado, 516

SÃO PAULO



a 3900

de profundas conseqüências estéticas, representam, em pauta própria, uma bem sucedida tentativa de sátira social, surpreendendo em flagrante o vazio e as imposturas de uma burguesia endinheirada, ociosa e cosmopolita, e, em particular, de certa faixa de letreados provincianos e pomposos que gira em seu redor. A sátira é tanto mais eficaz quando se considera que Oswald não se exclui do contexto observado, não se põe fora dêle a uma distância ideal e neutralizante, mas faz-se a si mesmo, na *persona* de João Miramar, parte integrante e protagonista da realidade que critica.

Passados 40 anos de sua primeira edição e 10 da morte do autor, êste livro não perdeu a sua atualidade. Nêle se encontram fermentos, talvez insuspeitados, para o futuro de nossa literatura de imaginação. Seu exemplo de linguagem sintética, reduzida, inscrita naquela zona limite onde as fronteiras entre poesia e prosa se abolem e só permanece uma idéia de *texto* como corpo de palavras, ainda não foi suficientemente meditado. Daí a importância desta reedição, que restituí ao leitor — sobretudo às gerações mais jovens que desconhecem praticamente a obra oswaldiana — êste elo perdido e indispensável no traçado evolutivo da literatura brasileira contemporânea. Para aquêles outros, mais velhos, que puderam acompanhar as atividades literárias do autor e que guardam dêle, especialmente, os traços de uma personalidade combativa e aventurosa, esta iniciativa terá o sabor de um reencontro. Devolver-lhes-á, numa perspectiva depurada pelo tempo, a garra de um grande escritor na sua obra mais característica.

Memorias Sentimentaes

de João Miramar



Fac-símile da capa da 1.ª ed., de Tassila do Amaral (1924).

“Memórias Sentimentais de João Miramar, sobre ser um dos maiores livros da nossa literatura, é uma tentativa seriíssima de estilo e narrativa, ao mesmo tempo que um primeiro esboço de sátira social. A burguesia endinheirada roda pelo mundo o seu vazio, as suas convenções, numa esterilidade apavorante. Miramar é um humorista *pince sans rire*, que procura *kodakar* a vida imperturbavelmente, por meio duma linguagem sintética e fulgurante, cheia de soldas arrojadas, de uma concisão lapidar. Graças a essa língua viva e expressiva, apoiada em elipses e subentendidos, o sr. Oswald de Andrade consegue quase operar uma fusão da prosa com a poesia.”

Antonio Candido, “Estouro e Libertaçāo” (1945)

“Por espantoso que pareça, Oswald era um moralista, e, nessa condição, lutou pela reforma dos costumes sociais e políticos, literários e artísticos, numa ânsia de contribuir para a libertação do homem e do seu pensamento ético e estético.”

Mário da Silva Brito, “Pensamento e Ação de Oswald de Andrade” (1958)